

poéticas oníricas do

SONHAR

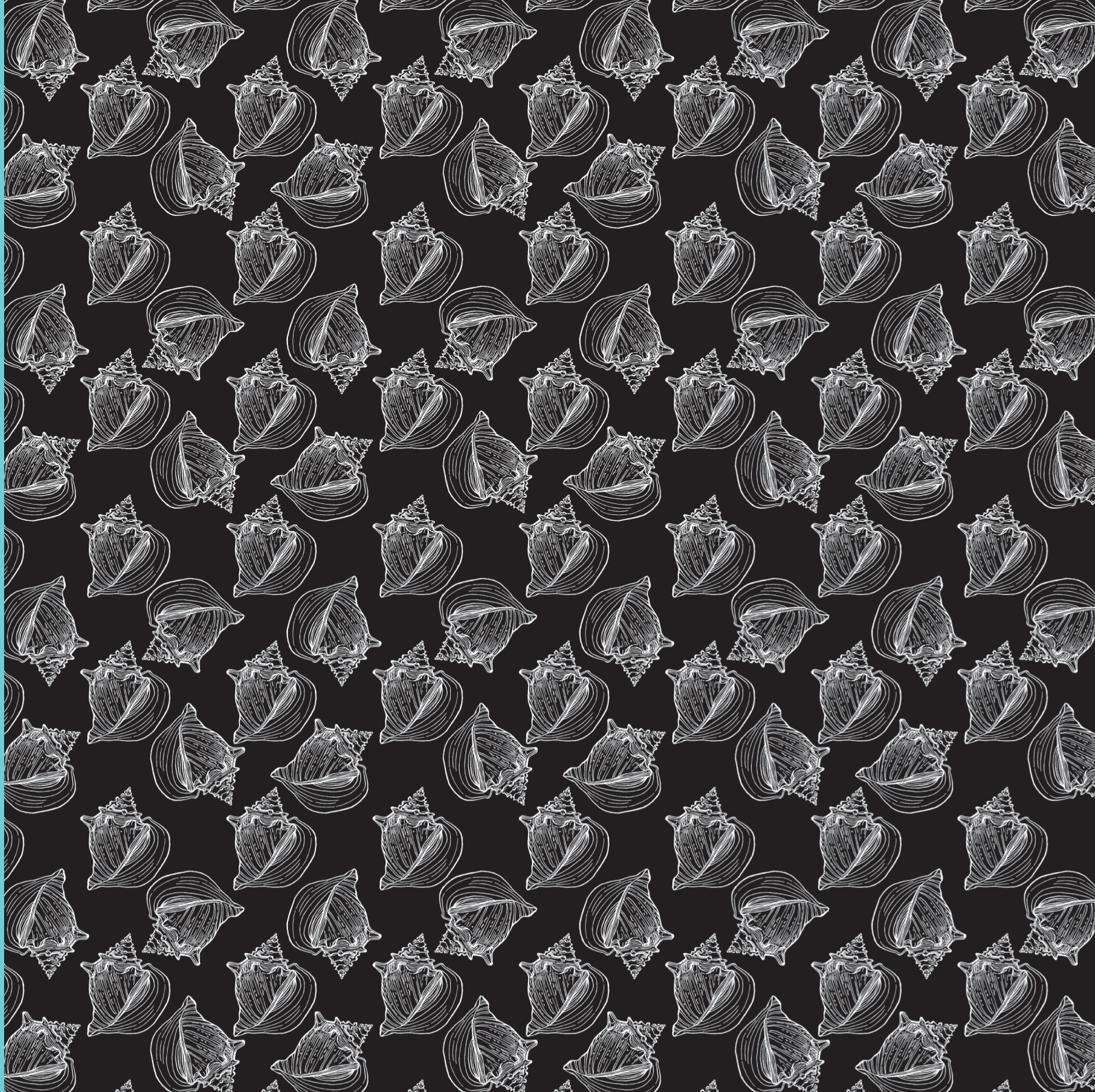
SOCIAL

cartografias artísticas com Sonhos em contextos de grupo



Sandra Coelho (Org.)

Este livro é um continente cartográfico, traçado de pistas sobre os Sonhos, a partir de perspectivas psicológicas, sociais e artísticas. É uma entrada na República dos Sonhos – como diriam os surrealistas, que percorre as possibilidades de escrita literária a partir dos Sonhos em contextos grupais, através do método da Matriz do Sonhar Social (Dreaming Matrix). Ainda apresenta uma mostra de escritos oníricos feitos pelos participantes da oficina literária homônima ao livro, que aconteceu em meados do ano de 2024, em algumas cidades de Santa Catarina.





P745 Poéticas oníricas do sonhar social / organização e ilustrações Sandra Coelho - 1. ed. - Itajai: Onírica Produções Artísticas, 2025.

160p.: il. p &b; 21cm.

Vários autores

ISBN: 978-65-986188-1-0

1. Literatura Brasileira - poesia e contos. 2. Literatura Catarinense - poesia e contos. 3. Coelho, Sandra Regina. 1. Título. II . Assunto.

CDD B869

CDU: 82-81

Catálogo: Édina Maria Calegaro - CRB 14/1610

Organização, pesquisa e ilustrações: Sandra Coelho
Diagramação: Leandro Maman
Revisão: Kátia Nascimento
Produção e Editoração: Onírica Produções Artísticas e Eranos Círculo de Arte



Proposta Cultural realizada com recursos do Governo do Estado de Santa Catarina, pela Fundação Catarinense de Cultura [FCC], por meio do Prêmio Elisabete Anderle de Estímulo à Cultura – Edição 2023

poéticas oníricas do **SONHAR** **SOCIAL**

cartografias artísticas com Sonhos em contextos de grupo



Sandra Coelho (Org.)

Para Borges e Cortázar,

“Se o fato de sonhar fosse uma espécie de criação dramática, então aconteceria que o sonho é o mais antigo dos gêneros literários, inclusive anterior à humanidade, porque, como lembra um poeta latino, os animais também sonham. E viria a ser um fato de índole dramática, como uma peça na qual somos o autor, o ator e também o edifício, o teatro. Ou seja, à noite, todos somos, de alguma maneira, dramaturgos”.

(Jorge Luis Borges, 2009, p.156)

A concha

Conchas são lares de alguns animais marinhos. Seus formatos são os mais diversos, e algumas possuem uma estrutura em espiral que reverberam um som, frequentemente associado ao mar.

Este som não nasce da concha.

O som da concha é uma reverberação interna ampliada dos sons que estão no ambiente externo.

Na ausência de estímulo exterior, nada se pode ouvir na concha. É como se ela captasse aquilo que está ao seu redor, criasse uma sinfonia singular e nos devolvesse como um ruído branco, que nosso cérebro lê como semelhante aos sons do mar.

O livro

Assim como ressoar de uma concha em espiral, este livro é também um continente que reverbera a múltipla poética de encontros plurais e oníricos que aconteceram em meados do ano de 2024, nas veredas de Santa Catarina, através do projeto homônimo de oficinas literárias a partir dos Sonhos.

Odes, poesias, contos, cartas, músicas, geografias, epifanias, distopias e outras belezas ressoadas pela poesia dos Sonhos.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	17
SONHAMOS.....	21
Nascentes.....	26
Estrutura dos Sonhos.....	27
JORNADA ONÍRICA	33
Oficina Sonho e Criatividade	34
Poesia Onírica e Escritos Alquímicos.....	36
Oficina Literária Sonho e Conto.....	38
Outras Composições e Companhias	40
Sonhário Cartografias do Inconsciente Coletivo	44
Poéticas Oníricas do Sonhar Social.....	48
POÉTICAS ONÍRICAS	
CAPÍTULO 01	
Sicar	63
Sete palmos de escada	64
O eu que me via vendo	70
O Menino Ensolarado.....	73
Terras de Aruanda	76
O Fio da Sintonia	78
CAPÍTULO 2	
Uma casa para Lígia	83
O desconhecido que habita.....	86
Plano “B”	88

CAPÍTULO 3		
A memória do fim	94	
Hades	97	
Mr. Sandman.		
Ou da experiência do jantar de um Hello Kitty?	100	
Touro Vermelho	103	
CAPÍTULO 4		
Não sonho	109	
Alma na vidraça	110	
Um sonho real	112	
A vida sonhada no sono com sonhos	117	
Na fila dos Sonhos	120	
CAPÍTULO 5		
Entre linhas e sentimentos - uma carta em versos.....	126	
Almas Gêmeas	128	
Cartema	130	
Início de uma despedida	133	
Carta ao meu irmão	135	
Entre águas e saudades	138	
CAPÍTULO 6		
Flores do Asfalto	144	
ANEXO 1		
Como iniciar o registro dos Sonhos.....	150	
ANEXO 2		
Metodologia	152	
AGRADECIMENTOS.....		155
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:.....		156

APRESENTAÇÃO

Este livro é uma obra de introdução à escrita literária de autoria a partir do universo onírico (Sonhos), com exemplos de obras criadas com base de conteúdos sonhados e compartilhados por participantes da oficina literária: Poéticas Oníricas do Sonhar Social, que aconteceu no ano de 2024, nas cidades de Itajaí, Canelinha, Jaraguá do Sul, Içara e Florianópolis, viabilizado pela Fundação Catarinense de Cultura, através do Prêmio Elisabete Anderle de estímulo à cultura (2023). O projeto Poéticas Oníricas do Sonhar Social vem ao encontro de um desejo antigo de trabalhar a criação literária onírica em formato de grupo.

A Matriz do Sonhar Social (*Dreaming Matrix*)¹ é um método que amparou o trabalho nas oficinas, partindo do compartilhamento de Sonhos e da associação livre². Este método visa favorecer a expansão das simbologias dos Sonhos, quando relatados no interior de uma matriz grupal, que, neste caso específico, teve como finalidade, a construção literária.

Dream – telling - Contar o Sonho - é uma técnica desenvolvida em trabalhos com grupos, que parte do princípio de que contar o Sonho é um acontecimento social realizado no espaço subjetivo e que se estabelece entre sonhador e ouvintes.

1 Matriz do Sonhar Social. G.W, Lawrence. Summus, 2010

2 Método criado por C.G.Jung

O formato de trabalho coletivo com Sonhos, seja na criação literária, terapêutica ou organizacional, é pouco utilizado no Brasil, ainda que o método da Matriz do Sonhar Social ter sido criado há bastante tempo, em meados dos anos 80, no Instituto Tavistock, em Londres, por Gordon Lawrence³. No Brasil, um dos poucos pesquisadores deste método, é o Analista Junguiano, Roque Tadeu Gui, que fez seu doutoramento na UNB – Universidade de Brasília, com a tese: O Sonhar Social: uma experiência no Brasil, e que gentilmente se prontificou para o diálogo, trazendo importantes considerações que muito contribuíram para o meu entendimento sobre o método.

Para o projeto das oficinas, devido a duração de cada encontro (8 horas), foram necessárias algumas adaptações, a fim de otimizar o tempo disponível. Desse modo, os encontros se aproximaram do método da Matriz do Sonhar Social, naquilo que confere o compartilhamento de Sonhos e as associações livres feitas pelo sonhador e pelos grupos.

As obras que compõem a segunda parte deste livro, foram criadas em diálogo sensível com aqueles que se propuseram a seguir no projeto para além dos encontros presenciais. A linguagem muitas vezes está desarmada de métricas formais, porém constituída de profunda sensibilidade e respeito às imagens originais dos Sonhos.

O livro ainda apresenta uma cartografia que percorre pistas sobre os Sonhos, a partir de perspectivas psicológicas, sociais-coletivas e artísticas, incluindo projetos relacionados ao tema, que fui propositora a partir do ano de 2012.

Sandra R. Coelho
Verão de 2025

3 Cientista Social e Consultor Organizacional

SONHAMOS

Ao silenciar nossos sentidos da vigília, somos povoados por imagens que nos fazem viver experiências que chamamos de surrealistas e fantásticas. Tais experiências nos levam a reviver situações do dia, nos remontam tempos antigos ou nos antecipam situações que viveremos mais adiante. Nos Sonhos temos a chance de viajar no tempo, para frente ou para trás, sem que essa experiência seja mediada por tecnologias futuristas, pois os Sonhos situam-se naquilo que chamamos de Inconsciente – o território onde Chronos (o deus do Tempo, segundo a mitologia grega) não é soberano.

Então imaginemos este lugar: singular, criativo, imprevisível, incontrolável e dinâmico. Ele se apresenta para nós, tal qual um ator se apresenta para seu público, encenando dramaturgias originais.

Os Sonhos são uma espécie de fenômeno autônomo que ocorre todos os dias quando dormimos. Lembrando de seus conteúdos ou não, eles sempre estarão lá. Existe ‘algo’ em nós que possui uma capacidade criativa inesgotável, que cria ‘narrativas’ únicas, personagens fascinantes ou aterrorizantes, nos leva para geografias já conhecidas, surreais, ou simplesmente nos mostram uma imagem única, por vezes cotidiana. Os Sonhos nos deslocam no tempo (podemos visitar nossa casa de infância, a primeira escola, a casa dos avós e até mesmo ser jogados para o futuro e ‘prever’ algum acontecimento, os chamados Sonhos premonitórios ou adivinhatórios). Contudo, os Sonhos são uma refinada matriz de criação.

[...todo homem possui a capacidade estética, e, especificamente, dramática, que é a de sonhar.] (Borges, 2009, p. 157)

Do ponto de vista das teorias psicanalíticas, os Sonhos são a via régia (ponte, caminho) para o inconsciente e possuem uma potência intrínseca e autônoma de criar poéticas em uma linguagem distinta da lógica-racional. Os Sonhos são um território da imaginação, umas das principais funções da psique humana.

No campo da análise, os Sonhos representam um aspecto fundamental daquilo que Jung chamou de “*processo de individuação*”, que seria uma jornada rumo ao Si-mesmo, a autorrealização a partir do confronto com aspectos do inconsciente. Uma jornada para dentro de si, porém estando no mundo, considerando e se relacionando com o mundo. Ou ainda, um processo psíquico de torna-se um indivíduo - uno.

[Os símbolos oníricos do processo de individuação são imagens de natureza arquetípica que aparecem no sonho: elas descrevem o processo de busca do centro, isto é, o estabelecimento de um novo centro de personalidade] (Jung, 1990, p. 51)

O universo onírico pode ser compreendido ainda, a partir de diversos olhares: desde as perspectivas mais simplistas ou redutivas, passando ainda pela afirmação de alguns sobre o ‘não-sonhar’, os Sonhos são fenômenos que sofremos todas as noites, e ocupam um lugar significativo da experiência do viver e da história da humanidade.

Na busca pela compreensão dos Sonhos ao longo do tempo, encontramos pistas históricas sobre o tema, através de obras, teorias e métodos. Embora os Sonhos sejam considerados um acontecimento universal, seu entendimento está relacionado a diferenças culturais e de época.

O mais antigo registro escrito encontrado sobre Oneirocritica (interpretação dos Sonhos), data da segunda metade do séc. II e é atribuído a Artemidoro de Daldis,

filósofo nascido em Éfeso/Turquia. Artemidoro foi uma autoridade no seu tempo em oneirocritica e deixou um material significativo sobre a interpretação dos Sonhos. A obra *Sobre a Interpretação dos Sonhos (Oneirocritica)*⁴ é um material histórico, literário e psicanalítico, e foi considerada por Sigmund Freud como a mais importante obra sobre o tema da época: “*Na Antiguidade tardia, Artemidoro de Daldis foi considerado a maior autoridade na interpretação dos sonhos; sua obra minuciosa deve nos compensar a perda de obras de conteúdo análogo*” (Freud, 2019, p.27).

No livro, é possível observar a forma como a oneirocritica era praticada e sua tamanha importância na vida cotidiana. Artemidoro traçou inúmeras definições e orientações sobre os Sonhos e seu manejo. Os escritos articulam significados, diferenciações, orientações e interpretações das mais diversas. Ao ter contato com a obra de Artemidoro, também podemos refletir sobre o lugar ocupado pelo universo onírico na antiguidade, e como esse espaço diminuiu consideravelmente ao longo da história.

[quanto ao discernimento dos Sonhos, o onirocrítico deve fazê-lo progredindo, em suas considerações, ora do começo para o fim, ora do fim para o começo: de fato, há casos em que, quando o fim se mostra obscuro e difícil de entender a primeira vista, o começo o esclarece; e outros em que o fim esclarece o começo. Mas é preciso também, quando os Sonhos se apresentam mutilados e não oferecem pontos de apoio, por assim dizer, que o onirocrítico acrescente algo de seu próprio engenho] (Artemidoro, 2009, p. 33)

⁴ Sobre a Interpretação dos Sonhos (Oneirocritica). Artemidoro, D. Zahar, 2009.

Seguindo a jornada do tempo, Sigmund Freud⁵, um médico nascido em Freiberg - Morávia em 1856, traça um novo caminho na história do entendimento da psique humana, através da criação de uma teoria e um método psicológico que nomeou de Psicanálise. Seu segundo livro, *A Interpretação dos Sonhos*, foi uma obra revolucionária onde ele discorreu sobre a formação psíquica dotada de sentido e sua relação com o estado de vigília. Desde a primeira edição, o texto sofreu diversas mudanças, acréscimos e subtrações, à medida que a teoria se desenvolveu e também por conta de traduções⁶. De todo modo, a obra se configura como uma das mais importantes no entendimento dos Sonhos e do inconsciente, com enorme valor histórico.

[Ocorre primeiramente que o conteúdo do sonho apresenta um material que, no estado de vigília, não reconhecemos como pertencente à nossa experiência e conhecimento. Lembramo-nos de ter sonhado aquilo, não, porém, do fato nem do momento em que vivenciamos aquilo. Permanecemos em dúvida em relação à fonte da qual o sonho se serviu e somos tentados a acreditar numa atividade produtiva autônoma do sonho, até que, às vezes após muito tempo, um novo evento recupera a lembrança do evento anterior, revelando assim a fonte do sonho. Precisamos então admitir que, no sonho, sabíamos e nos lembrávamos de algo que havia escapado à nossa memória no estado de vigília]. (Freud, 2019, p. 34)

Carl Gustav Jung⁷, foi um médico nascido em Kesswil - Suíça, no ano de 1875, fundador da Psicologia Analítica ou Psicologia Complexa⁸. Um teórico de similar importância

5 1856 - 1939

6 A Descoberta do Inconsciente. Ellenberg, H.F. Perspectiva, 2023. Pg.455

7 1875 - 1961

8 Jung e a Construção da Psicologia Moderna. Shamdasani, S. Ideias & Letras. 2003, pg. 28

histórica no entendimento da psique humana dos Sonhos, tal qual Sigmund Freud. Jung desenvolveu conceitos psicológicos e métodos, amplamente difundidos, tais quais os Tipos Psicológicos, Arquétipos, Inconsciente Coletivo, Sincronicidade, Processo de Individuação, Animus, Anima, Sombra, Teste de Associação de Palavras⁹, Imaginação Ativa, além de mover-se por diversas áreas humanas, como religião, alquimia e mitologia.

Para Jung, os Sonhos são fatos objetivos¹⁰ e fenômenos naturais independentes. Como acontecimentos da natureza, não podem ser compreendidos por uma psicologia advinda da consciência. Jung propõe um entendimento sobre os Sonhos a partir de uma perspectiva simbólica e prospectiva, teleológica, ou seja, os Sonhos possuem uma “finalidade inconsciente” (Jung, 2014, pg. 18), apontando para um devir.

[a análise dos Sonhos é o problema central do tratamento analítico, pois é o mais importante meio técnico de abrir uma via de acesso ao inconsciente. O principal objetivo nesse tratamento, é descobrir a mensagem do inconsciente. [...] Os Sonhos são fatos objetivos, eles não respondem as nossas expectativas, e não os inventamos; quem tenta sonhar com determinadas coisas, logo vê que é impossível] (Jung, 2014, p. 27)

9 Remontando as pesquisas de Sir Francis Galton (1822-1911)

10 Seminários sobre análise de sonhos. Jung, C.G. Vozes, 2014, pg. 27

Nascentes

Para o xamã e líder indígena Yanomami, Davi Kopenawa, a compreensão sobre os Sonhos, está enraizada na cosmovisão dos Yanomamis e são uma forma de conexão com a natureza, com o cosmos e os com antepassados. Para eles, o sentido dos Sonhos não é apenas individual, mas sim coletivo, e diz respeito a toda a comunidade. É ainda, e acima de tudo, uma forma de aprendizado com seus ancestrais:

[voamos em Sonho para muito longe, de nossa casa e de nossa terra, pelos caminhos de luz dos xapiri. De lá pode-se ver todas as coisas do céu, da floresta e das águas que nossos antigos viram antes de nós. O dia dos espíritos é nossa noite, é por isso que eles se apossam de nós durante o sono, sem sabermos. É esse, nosso modo de estudar] (Kopenawa, 2015, p. 462)

De um ponto de vista psicológico, para Jung, os Sonhos se apresentam através de uma linguagem simbólica, e nascem como manifestações ou expressões do nosso Inconsciente, aquele lugar em nós, que contém nossos conteúdos pessoais (o inconsciente pessoal), e também conteúdos coletivos (o inconsciente coletivo). Para ele, os Sonhos são fatos objetivos, independentes da nossa consciência, e possuem um caráter teleológico, ou prospetivo, que apontam para um devir significativo, importante dentro do processo de ampliação da consciência.

Jorge Luiz Borges (1976, p. 5), lembra que no sexto livro da Eneida, declara-se que são duas as portas divinas pelas quais nos chegam os Sonhos: a de marfim, que é a dos Sonhos enganadores, e a de chifre, que é a dos Sonhos proféticos. Face aos materiais escolhidos, o poeta sentiu uma forma obscura, que os Sonhos que se antecipam ao

futuro são menos preciosos, do que os enganadores, os quais são uma invenção espontânea daquele que dorme.

*“ quando os relógios da meia-noite prodigalizarem
Um tempo generoso,
Irei mais longe que os navegantes de Ulisses
À região do Sonho, inacessível
À memória humana
Dessa região imersa resgato restos
Que não acabo de compreender...”*

Para Llansol, Cortázar, Eu, Kafka : O Sonho é um grande escritor!

Estrutura dos Sonhos

Narrativas

Os Sonhos são elementos de comunicação do inconsciente, essenciais para o processo psicológico do indivíduo, e se apresentam sempre de maneira plural. Podemos vivenciar Sonhos grandes, com narrativas que se apresentam em sequência com um início, um desenvolvimento e uma finalização, (que não necessariamente seja a ‘resolução’ da questão posta). Ou podemos nos deparar com Sonhos mais curtos, onde apenas uma imagem nos é apresentada.

Segundo Marie Louise Von Franz (1915-1998), Analista Junguiana, colaboradora de C.G.Jung na construção da Psicologia Analítica, uma grande pesquisadora de Sonhos (cerca de 65 mil Sonhos analisados), afirma, que os mesmos se apresentam a partir de um estrutura. Sobre isso, Jung acrescenta, que em tal disposição, observa-se o Sonho em seu aspecto de narrativa: uma unidade dramática, com começo, meio e fim, qual seja:

- Drama: o Sonho inicia com a uma introdução/ exposição do tema, que pode ser um cenário, uma frase, uma situação. Neste primeiro momento, somos apresentados a uma trama e aos seus personagens;

- Peripécia: quando a problemática do Sonho se desenrola, algo acontece. O ápice;

- Fysis: é o momento final do Sonho, que pode acontecer com a resolução da problemática exposta, ou de maneira desastrosa, ou ainda o Sonho finaliza, mas a questão central pode ficar em aberto.

Quando diz que a estrutura dos Sonhos é semelhante a estrutura dos dramas clássicos, Jung está observando o Sonho em seu aspecto de narrativa, em sua unidade dramática, com começo, meio e fim.

Imagem

Os Sonhos ainda se apresentam em continuidade de imagens, algo semelhante a uma obra cinematográfica. Alguns autores, como Patrícia Berry, abordam o Sonho sob esse aspecto, afirmando que sua unidade primária é a imagem. Ela argumenta que o sentido original da palavra “oneiros”, da qual deriva o termo “onírico”, referente a Sonhos - é imagem, e não história. Imagens não requerem palavras para revelar seu sentido inerente. Mas quando estamos envolvidos com linguagem, então o que adere a imagem é transposto em coerência verbal. Importante ressaltar, que todos os elementos dos Sonhos constelam-se mutuamente, e são de extrema importância na busca de entendimento dos mesmos. Nenhum componente presente nos Sonhos é aleatório, mas todos juntos formam uma unidade com coerência simbólica, e portanto,

tudo deve ser observado. No Sonhos, os eventos não estão conectados por relações de causalidade. Todos os elementos que os caracterizam - personagens, cenário, situações, emoções - estão conectados simbolicamente. São partes da imagem onírica e cada parte é fundamental para a composição do todo (2007, pg. 64).

Vivência

Ainda segundo Patrícia Berry, quando se enfatiza o relato, não se leva tanto em conta o Sonho enquanto experiência vivida. Porém experimentá-lo não é o mesmo que relatá-lo. Enquanto sonhamos tudo é muito real, da mesma forma como quando estamos acordados. Encontramo-nos em um espaço e tempo, envolvidos em uma trama que geralmente ocorre no presente e é intensamente sentida. Mas quando o relatamos usamos verbo no passado.

Levar em conta a vivência do Sonho implica retornar a sua realidade, recolocar-se dentro dele, retornar ao espaço onírico no qual os eventos possam se repetir. Voltar a imagem e falar da observação direta, contanto o Sonho no presente, percebendo-se dentro dele, sem perder o contato com as emoções do processo.

De todo modo, relacionar-se com os Sonhos é possibilitar o mergulho na experiência do Sonhar. Viver o universo onírico, enquanto parte da vida, considerando sua diferença de natureza. Tão importante quando saber sobre as diferenças de apresentação dos Sonhos, sejam elas narrativas oníricas e/ou imagens, é a observação dos símbolos que surgem e de que modo conseguimos adentrar no nosso inconsciente através deles. Consequentemente, conheceremos mais sobre nós mesmos, nos tornando mais autônomos e conscientes.

JORNADA ONIRICA

Meu interesse por Sonhos nasceu já na infância, quando ouvia minha mãe, minha vó e minhas tias contando seus Sonhos, analisando seus conteúdos e pensando sobre como precaver as más previsões. Minha mãe guiava-se por aquilo que entendia serem avisos noturnos de outro mundo. Eu, criança, ficava fascinada pelas narrativas e desde então observo meus Sonhos. Lembro de vários deles da época de criança, alguns inclusive que estiveram comigo insistentemente por vários anos. Havia um lugar em mim que alinhava os conteúdos sonhados e algumas vivências diurnas e isso também era fascinante. Contudo, desde sempre acreditei que os Sonhos deveriam ser compartilhados, pois essa foi minha experiência primeira, que fez sentido.

Já na época da faculdade de Psicologia (1996-2001) conheci Carl Gustav Jung e sua Psicologia Analítica. Me pareceu coerente pensar a psique humana a partir dos arquétipos, símbolos, Sonhos, e segui os caminhos desta abordagem, na qual me tornei especialista posteriormente.

Trabalho com os conteúdos oníricos no consultório com meus pacientes desde que iniciei a prática clínica no ano de 2003. Neste contexto, o trabalho é individualizado, onde buscamos ouvir as associações, as tramas pelas quais o próprio indivíduo enreda, ao confrontar-se com os conteúdos mais inconscientes, que anseiam por serem conhecidos.

[O simbolismo onírico, na nossa experiência, é muito mais individual. É preciso conhecer as associações individuais. O que conta é que o símbolo significa para o sonhador e as experiências que este teve com o símbolo.]
(Von Franz, 1988, p. 52)

À medida que eu ouvia os Sonhos dos pacientes, percebi que haviam conteúdos e narrativas que se mostravam como sincronicidades: dramas semelhantes, personagens com mesmas características, sequências de Sonhos preenchidas por pacientes diferentes. Observava também os meus próprios Sonhos nesta relação e haviam camadas que se mostravam em uma espécie de consonância.

[Existem problemas pessoais nos sonhos que podem parecer importantes apenas para aquele caso em particular, mas se nos aprofundarmos em sua estrutura, em seu discurso simbólico, entramos em camadas históricas e descobrimos que aquilo que a princípio parecia ser um problema pessoal é muito mais profundo (...) o que nos leva a uma questão histórica.] (Jung, 2014)

Oficina Sonho e Criatividade

O campo das artes me pareceu um bom lugar para pensar uma experiência de compartilhamento de Sonhos, para além do contexto clínico, de modo a possibilitar que as pessoas pudessem contar e ouvir os Sonhos uns dos outros, resgatando assim, a prática antiga de contação de Sonhos.

Idealizo então no ano de 2012, junto ao Eranos Círculo de Arte¹¹, uma oficina chamada Sonho e Criatividade, com a intenção de criar um espaço de experimentação artística a partir dos Sonhos. O objetivo era associar processos criativos ao processo de autoconhecimento e auto-observação. Trabalhei com um primeiro grupo, conceitos

¹¹ www.eranos.com.br

da Psicologia Analítica e propus exercícios a partir dos Sonhos em diferentes linguagens como fotografia, vídeo, dança, poesia e teatro. O resultado foram produções que nasceram dos Sonhos compartilhados pelos participantes, e trabalhados artisticamente pelo grupo, a partir de diversas linguagens.

Inicialmente propus, durante os encontros, intercalar o compartilhamento dos Sonhos com práticas e exercícios artísticos. Ao longo da oficina, percebi que era importante respeitar o tempo que se apresentava neste primeiro momento em cada encontro, onde estávamos numa roda contando e ouvindo os Sonhos. Cada dia se mostrava diferente do outro, porque o grupo reagia e se colocava diante dos conteúdos que surgiam de maneira diferente. Então, os encontros foram ajustados de modo a respeitar essa configuração inicial, e os exercícios artísticos tomariam o tempo seguinte.

Todos os materiais feitos pelos participantes eram compartilhados, criando um movimento que nascia nos Sonhos individuais compartilhados no grupo, materializados em alguma linguagem artística individualmente, e novamente compartilhados com o grupo. Durante a experiência de trabalho com Sonhos em espaços coletivos, é importante lembrar o quão sensível pode ser alguns conteúdos, para os indivíduos e para o grupo, e que deste modo, deve-se refletir sobre o que é possível de ser compartilhado, o que o grupo suporta e acolhe, e o que deve ser trabalhado em outra esfera, talvez da análise individual. Também entendi nesta experiência, que é interessante possibilitar outros momentos de contato individual com os participantes, que por estarem mobilizados pela experiência de criação onírica, podem demandar algum continente (apoio) de diálogo, para além da carga horária da oficina. Esta postura de disponibilidade levei para todos os outros projetos, desde então.

Poesia Onírica e Escritos Alquímicos

Simultaneamente à oficina, trabalhava no meu próprio material onírico através da escrita. Durante três anos, escrevi diariamente em um Blog pessoal chamado Diálogos Brejeiros, e criava poesias e contos a partir dos Sonhos, profundamente mobilizada, pelos conteúdos que permaneciam vivos em mim após o despertar.

Sentia necessidade de escrever, sobre as invenções poéticas espontâneas, que surgiam nos Sonhos. Acreditava que tanto o Sonho quanto a Poesia, apresentavam similaridades, naquilo que toca o aspecto criativo. Desde então, entendo que em ambas as situações – Sonho e Poesia – existe um aspecto do poeta/escritor/criador: o primeiro acontece no estado inconsciente, onde estamos presentes, mas desarmados da lógica/racional, temporalidade e sentidos (porém autênticos), e o segundo, onde estamos conscientes, e munidos de influências estéticas externas no ato de criar.

Esta dedicação aos Sonhos e a escrita, resultou no livro Poesia Onírica e Escritos Alquímicos (Ed. Eranos, 2014), uma coletânea de poesias oníricas conectadas pelos fios da herança e da Alquimia. São poemas construídos a partir de numerosa sequência de Sonhos que orbitavam as mesmas temáticas e narrativas.

Considero o registro regular dos Sonhos, uma das principais regras para a criação artística a partir desta matéria prima. A continuidade de registro, sem julgamentos (pois tendemos a selecionar os sonhos que mais nos atraem), é essencial num processo de criação. Numa sequência onírica, para além de percebermos um caminhar-das-narrativas - percebemos também aquilo que está entre uma coisa e outra, que talvez não

seja o tema central do Sonho, mas é aquilo que conecta, que foi esquecido, o banal, o desprezado. Outro ponto fundamental acerca das sequências de Sonhos, é que elas nos apresentam invariavelmente nossa estética particular. Nela, é possível, observar um panorama das temáticas recorrentes, personagens, geografias, situações, linguagem, etc. Importante considerar, que as sequências oníricas não se apresentam, necessariamente, de maneira cronológica (primeiro Sonhos, segundo, terceiro...), e sim, se apresentam conectadas pelos Símbolos.

*“Dei graças aquela que vive entre os dias
(noite)
Onde o sonho habita sem pecado.
Quando não há tempo,
Me faço versos para iluminar a escuridão”.*

(livro Poesia Onírica e Escritos Alquímicos, 2014)

Ainda nesta época, encontrei com Jorge Luis Borges, Júlio Cortázar e Federico Fellini, devotos dos Sonhos que seguiram comigo como guias nos projetos seguintes. As obras literárias e cinematográficas destes artistas, são verdadeiros tributos ao universo onírico. Porém, tão importante quando as obras, foi a relação destes artistas com os Sonhos, pois consideravam a experiência do sonhar como parte fundamental e integrante da vida. Fellini, a exemplo, tinha os Sonhos como a ‘verdadeira realidade’:

[A realidade para Fellini, é composta por diversas camadas, que no seu todo, compõem os conteúdos emocionais que habitam na sua memória. Fellini utiliza a imaginação e a fantasia, como instrumentos que corrompem a superficialidade da realidade e a primeira leitura gravada na memória. A expressão simbólica que

resulta da interligação destes fatores, surge através dos sonhos de Fellini e, é antecâmara para a passagem da visualização à realização da sua criatividade. Os seus filmes, são o prolongamento dos seus sonhos e, são o produto final da sua criatividade, adquirindo o patamar de primeiro plano da realidade. A realidade para Fellini é o que está em permanente ebulição no seu mundo interno e não, a ação que decorre no mundo externo. É com base nesta visão última, que Fellini declara o sonho como sendo acamada mais profunda da sua noção de realidade] (Andrade, 2009)

Oficina Literária Sonho e Conto

Nas edições seguintes da oficina, optei em focar o trabalho criativo na escrita de contos a partir dos Sonhos. A nova versão passa então a se chamar Oficina Sonho e Conto, que também faz uma referência ao ato de 'contar' o Sonho e 'contar' um conto. O foco ainda continuava nas criações individuais a partir dos Sonhos, especialmente narrativas.

Neste contexto, como arcabouço histórico, foram analisadas diversas obras criadas a partir dos Sonhos. A exemplo, O Livro dos Sonhos de Jean-Louis Lebris de Kerouac, ou Jack Kerouac, uma obra de registros de Sonhos do escritor, que narra suas aventuras oníricas, com algumas considerações acerca das situações e personagens [*ah! As viagens terríveis que me vi obrigado a fazer de um lado a outro do país com ferrovias e estações deprimentes jamais imaginadas... pg. 07*]. Nos Sonhos que compõem a

obra, é possível identificar o aparecimento de personagens de seus outros livros, vivendo situações novas e diferentes das originais. Após a introdução, o autor faz uma lista de personagens lado a lado, com nomes de pessoas reais, personagens e onde tais figuras surgem em seus outros livros, que permite o leitor criar uma cartografia visual e intuitiva, pois a lista tras a possibilidade de caminhar pelos Sonhos, personagens e as obras do autor. A obra se apresenta como um exemplar da potência criativa e literária que possuem os Sonhos, especialmente quando existe o alinhamento da matéria prima (Sonhos) e do trabalho posterior do escritor.

[...é bom que o leitor saiba que este livro não passa de uma compilação de sonhos anotados às pressas, à medida que ia despertando - e estão todos descritos da maneira mais espontânea e fluida, tal como sucede durante o sono, por vezes até mesmo antes de me sentir totalmente acordado. Neles, os personagens de meus romances reaparecem em situações novas, oníricas, e desconexas, dando sequencia a uma história que, no fundo, é a mesma que estou sempre continuando.] (Kerouac, 1998, pg. 3)

Jorge Luis Borges, escritor e poeta argentino, também fonte de inspiração no trabalho literário com sonhos, afirma que: *"os sonhos constituem o mais antigo e o não menos complexo dos gêneros literários"* (1976, p. 5). Autor do Livro dos Sonhos, onde narra diversos Sonhos noturnos e Sonhos do dia, Sonhos próprios, bíblicos, épicos (como o de Gilgamesh). Borges escreveu livros e contos, criando a partir de seu próprio universo onírico, e identificava o ato de escrever e viver, com o ato de sonhar. Ao fazer 84 anos, afirmou que *"já conhecia seus sonhos, de maneira que quando sonhava - sabia que estava sonhando, de modo que aprendeu inclusive, a domesticar seus pesadelos"* (2009, p.157).

Outras Composições e Companhias

A pesquisa e o interesse pelos Sonhos, me levaram ainda por outras veredas de criação. Junto ao Eranos, abraçamos os Sonhos como parte da vida - e, portanto, parte de todos os processos criativos. Além das oficinas e do livro, fui autora e co-autora de outras obras a partir de Sonhos ou fragmentos de Sonhos, como a performance urbana O Sonhador (2013); performance poética Có.di.go Poema (2013); acontecimento teatral Ronin Luz e Sombra (2013); performance urbana A Tempestade (2012); obra híbrida poesia/audiovisual A Tempestade (2021), lambe-lambe Mistérios de Elêusis (2013), performance urbana O Jardim de Abel (2013), dentre outros.

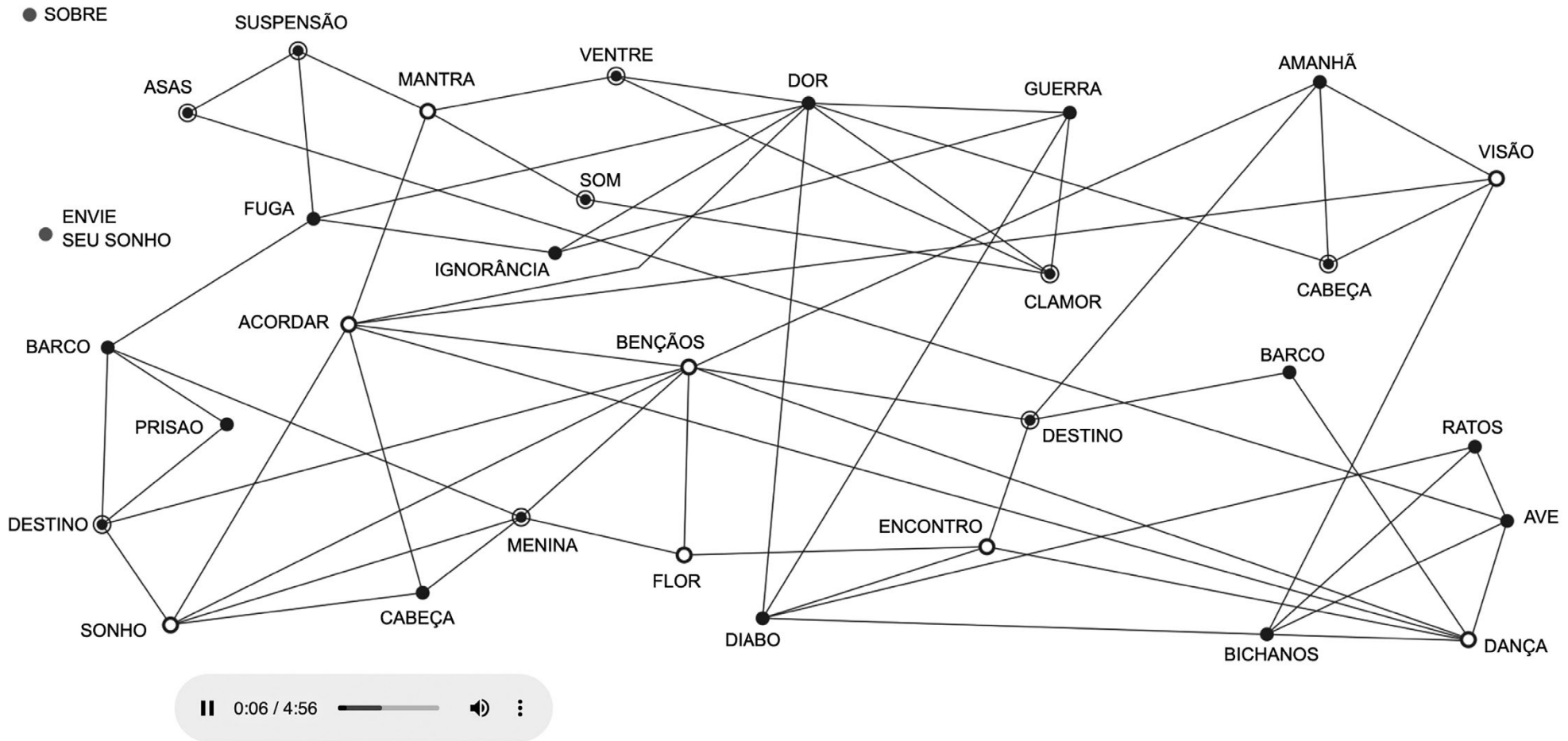
No Eranos, durante um processo de criação artística, acrescentamos as narrativas dos Sonhos, durante todos os dias do processo, e muitas vezes somos inspirados por eles a criar uma obra. Os Sonhos, para o grupo, são integrantes vivos e falantes: nos apontam caminhos, nos sinalizam equívocos, discordam, ficam em silêncio, se preocupam, nos sugerem paradas, acelerações, e acima de tudo são parte de uma instituição a qual pertencemos e que nos pertencem. Anos depois iria descobrir, através das palavras sempre inspiradoras de Airton Krenak, o uso da palavra 'instituição', que já fazia parte do nosso vocabulário e da nossa vivência com os Sonhos. Krenak nos aponta caminhos de resgatar a relação e o lugar do Sonho na vida em sociedade, especialmente em seus aspectos prospectivos e de orientação.

[Quando eu sugeri que falaria do sonho e da terra, eu queria comunicar a vocês um lugar, uma prática que é percebida em diferentes culturas, em diferentes povos, de

reconhecer essa instituição do sonho não como experiência cotidiana de dormir e sonhar, mas como exercício disciplinado de buscar nos sonhos as orientações para as nossas escolhas do dia a dia. Para algumas pessoas, a ideia de sonhar é abdicar da realidade, é renunciar ao sentido prático da vida. Porém, também podemos encontrar quem não veria sentido na vida se não fosse informado por sonhos, nos quais pode buscar os cantos, a cura, a inspiração e mesmo a resolução de questões práticas que não consegue discernir, cujas escolhas não consegue fazer fora do sonho, mas que ali estão abertas como possibilidades. Fiquei muito apaziguado comigo mesmo hoje à tarde, quando mais de um colega das que falaram aqui trouxeram a referência a essa instituição do sonho não como uma experiência onírica, mas como uma disciplina relacionada à formação, à cosmovisão, à tradição de diferentes povos que tem no sonho um caminho de aprendizado, de autoconhecimento sobre a vida, e a aplicação desse conhecimento na sua interação com o mundo e com as outras pessoas] (Krenak, 2020, p.51)

No ano de 2021 (Pandemia COVID-19), participei, junto ao Eranos de um mapeamento de artistas da cidade de Itajaí/SC, onde pudemos discutir a questão das criações artísticas, na interlocução entre Sonhos, espaço e tecnologias. O trabalho possibilitou colocar nosso trabalho, a partir da perspectiva dos modos de criação, em diálogo com outros artistas. Como Refletir Sonho e Espaço¹², nomeou esse encontro e trocas com artistas da Crivo Coletivo. Entendo essa experiência como algo bastante significativo, pois colocou em diálogo a questão dos Sonhos no espaço das artes, numa perspectiva contemporânea.

12. O trabalho pode ser conferido em:
<https://www.youtube.com/watch?v=LqOxC1QMxiM>



Sonhário Cartografias do Inconsciente Coletivo

[Sonhar com. Sonhar para. Sonhar junto.]
[Criar cartografias simbólicas [com e a partir do outro]
com o desconhecido. Imaginar.
Ser escritor de Sonhos. Tecer o mundo]

Este projeto aconteceu num momento de profunda mobilização interna, em meados de abril de 2020, logo após a chegada da Pandemia do COVID-19 no mundo. O objetivo, era a captação de Sonhos sonhados durante o período de pandemia, para posteriormente criar uma obra híbrida de artes visuais e literatura, bem como o estudo e a observação dos aspectos simbólicos ligados ao inconsciente coletivo, presentes nas narrativas dos Sonhos. Para tanto, foi aberto uma chamada e um formulário online para o recebimento de Sonhos nas redes sociais (Facebook, Instagram e Site), e Sonhos de diversos cantos do Brasil e do mundo foram recebidos (num total de 107).

Durante este período, surgiu em mim um profundo desejo que me conectar a outras pessoas através do universo onírico. A eclosão de uma Pandemia mundial causada por um inimigo invisível que se movia pelo ar, era algo tão excepcional, que me pareceu não haver em nós, seres humanos, repertório simbólico que pudesse dar suporte a tamanha fragilidade na qual todos se encontravam. Neste contexto, me pareceu importante e necessário o compartilhamento de imagens e narrativas.

Outras tantas pesquisas sobre Sonhos no período de pandemia aconteceram no Brasil e no mundo, mobilizadas por psicólogos, psicanalistas, pesquisadores ligados a universidades e artistas de diversas áreas. O mundo

onírico nos tempos de Pandemia, segundo Sidarta Ribeiro (apud Dunker, Perrone, Iannini, et al, 2021), anunciaram os piores pesadelos que se tornaram realidade no âmbito coletivo: *“é nessas horas de catástrofe que se conhece melhor as pessoas. Sonhar, qualquer mamífero sonha. Compartilhar os sonhos para tecer o devir coletivo, somente o ser humano sabe fazer. Mais do que nunca, precisamos narrar nossa vida interior”*.

Recebi, diariamente, durante cerca de 3 meses os Sonhos de pessoas que não conhecia, porém, havia uma disponibilidade e intenção de contato. Os Sonhos normalmente vinham com considerações sobre a Pandemia, algumas tentativas de análise, desabafo.

Em posse do material onírico recebido, mergulhei por diversos meses naquelas imagens: meu universo onírico, desdobrado e em profundo diálogo com o coletivo. Me propus a escrever uma cartografia poética, a partir dos Sonhos recebidos, uma obra híbrida de poesia e artes visuais. Palavra, imagem e som. O resultado do trabalho, ganhou ainda contornos visuais e sonoros. O estudo psicológico, acerca das simbologias presentes no material recebido, será publicado no ano de 2026.

[o desafio que proponho aqui é imaginar cartografias, camadas de mundos, nas quais as narrativas sejam tão plurais que não precisamos entrar em conflito ao evocar diferentes histórias de fundação [...] essas narrativas são presentes que nos são continuamente ofertados, tão bonitas que conseguem dar sentido á experiências singulares de cada povo em diferentes contextos de experimentação no planeta] (Krenak, 2022, p. 32)

O termo Cartografia, tradicionalmente utilizado nas Geociências como representações de espaços geográficos, e nas Artes Visuais como processo teórico-metodológico de pesquisa, sobre a produção de subjetividades e mundos

(criado por Deleuze e Guattari), no contexto do projeto, serviu de método, para o estabelecimento de diálogo entre a produção poético/literária e a Psicologia Analítica, nos seus conceitos de Inconsciente Coletivo e Sonhos, “os sonhos são expressão direta da atividade psíquica inconsciente”, (Jung, 2007, p.12)

Para Jung, os Sonhos só podem ser compreendidos à partir das associações e formulações do próprio sonhador, “é melhor renunciar a tudo o que se sabe melhor, e de antemão, para pesquisar o que as coisas significam para o paciente” (idem, p. 28). Mas isso dentro do contexto clínico de um processo de psicoterapia de um indivíduo. Como a Psicologia Analítica apresenta uma visão sistêmica da vida, considera-se que os Sonhos possuem outras camadas além da individual, que seriam as camadas do inconsciente cultural e coletivo.

O Inconsciente Coletivo seria uma camada distinta do Inconsciente Pessoal, pelo fato de não ser uma aquisição pessoal, mas ser formado essencialmente por arquétipos: “o conceito de arquétipo, que constitui um correlato indispensável da ideia do inconsciente coletivo, indica a existência de determinadas formas na psique, que estão presentes em todo tempo e em todo lugar. A pesquisa mitológica, denomina-as ‘motivos’ ou ‘temas’”. (Jung, 2007, p. 53)

Também trouxe para o campo de reflexão, o livro Sonhos no Terceiro Reich de Charlotte Berardt, uma obra importante do ponto de vista histórico, que narra uma vasta produção onírica (300 Sonhos), colhida nos anos de ascensão de Hitler ao poder na Alemanha Nazista. Mesmo sem as associações dos sonhadores, algo fundamental do ponto de vista da Psicologia Analítica e da Psicanálise, a obra configura-se como um documento, um diário noturno de imagens sonhadas por indivíduos mergulhados no mesmo contexto político-social, vivendo sob o mesmo tecido do horror.

Sobre o livro de Berardt o historiador Reinhart Koselleck, afirmou: (2017, apud Berardt, pg. 15) “o livro não traz o elemento central para qualquer interpretação onírica, que são as associações evocadas pelo sonho na pessoa que o produziu [...] no entanto, isso poderia reduzir os sonhos à condição expressiva de uma biografia particular, com seus conflitos pessoais e experiências infantis”. Segundo ele, as conexões com as vidas particulares permitiriam ler tais Sonhos com uma chave diagnóstica, diminuindo a importância do campo político no qual os sonhadores estavam mergulhados. Nesta perspectiva, poderia-se considerar que os Sonhos são parte de uma realidade factual, uma experiência real em si mesma (Dunker, apud Berardt, 2017).

Na composição de uma cartografia dos Sonhos em contextos sociais, acrescenta-se a importante pesquisa sobre a etnografia dos Sonhos Yanomamis, feita pela cientista social e antropóloga Hanna Limulja, em seu trabalho de doutoramento pela UFSC, O Desejo dos outros. Para os Yanomamis sonhar é um acontecimento, algo que realmente aconteceu ou está por acontecer, “não se trata de simbolismo ou representação, as coisas realmente acontecem, a imagem vital (utupe) das pessoas desloca-se para outro plano” (Shiratori apud Limulja, 2022, p. 13). O Sonho seria algo que diz respeito não apenas ao indivíduo que sonhou, mas também a comunidade. Kopenawa (A queda do céu), sobre a perspectiva dos brancos sobre o universo onírico nos diz que:

[os brancos são aqueles que só sonham consigo mesmos, dormem num estado de espectro, como um machado no chão. Pesados, presos às próprias histórias pessoais, eles não viajam longe, não fazem do sonho um instrumento de conhecimento sobre o mundo [...] os brancos só fixam seus olhos sobre seus papéis, e por isso, apenas estudam seu próprio pensamento e só conhecem o que está

dentro deles. É por essa razão também que ignoram os pensamentos distantes de outras gentes e lugares]. (apud Limulja, 2022, p. 13 e 46)

Ao acessar o resultado da cartografia, é possível traçar, de maneira intuitiva, os caminhos pelos quais percorreram as criações poéticas. Na constelação de palavras, se apresenta um fragmento da história onírica, vivenciada na Pandemia por alguns, e ao mesmo tempo – por todos.

- Um homem diz: “O esquecimento é algo coletivo!”

[Os pés não vislumbram a terra, e agora são formas suspensas e aéreas. O homem paira no abismo. Espíritos, cidades e vales precipitam-se pelos confins. Não há traço ou curvatura a serem tecidas. Tampouco existe pelas redondezas alguém que transpire riso ou alívio. Oculto é o amanhã, onde ela aguarda e sonha]

Poéticas Oníricas do Sonhar Social

O projeto Oficinas Literárias: Poéticas Oníricas do Sonhar Social, teve como objetivo, acolher os Sonhos como territórios de criação literária, em contextos de grupo, a partir da técnica da Matriz do Sonhar Social de W. Gordon Lawrence (2010). *Dream-telling* (Contar o Sonho), é uma técnica utilizada dentro da Matriz do Sonhar Social, desenvolvida em trabalhos com grupos, que parte do princípio de que contar o Sonho é um acontecimento social, realizado no espaço intersubjetivo estabelecido entre sonhador e ouvinte.

Ao contrário de como os Sonhos são utilizados no contexto clínico de Psicoterapia, e diferentemente das propostas anteriores das oficinas literárias, o material onírico dos participantes era compartilhado e disponibilizado na matriz grupal, criando um espaço para que o grupo, vivenciasse a experiência de simbolizar e criar junto.

[o foco é o Sonho, não quem sonha. Dessa forma, a pessoa conta seu Sonho aos outros participantes, dentro da matriz, e o Sonho deixa de ser uma propriedade pessoal, já que contém os aspectos social, político, institucional e espiritual daquele meio social. O Significado do Sonho começa a surgir com base na associação livre e na ampliação, utilizadas com o objetivo de dar forma aos ecos do que é pensado e do ato de pensar] (Lawrence, 2010, p. 10)

A diferença de orientação no tratamento dos Sonhos, que deixa de ser somente um conteúdo individual, e passa a somar-se a experiência imaginativa e simbólica do grupo, possibilita a criação de dramaturgias interligadas aos aspectos sociais, que dizem respeito ao meio e a cultura. A escrita, neste contexto, pode adquirir um caráter de enfrentamento, que aponta para as realidades sociais e seus paradoxos, e ao mesmo tempo conduz, através da experiência da criação, a novas formas de pensar e estar no mundo. Várias das obras que compõe a segunda metade deste livro, foram criadas, não a partir dos Sonhos dos autores, e sim de Sonhos que foram compartilhados e trabalhados nos grupos.

Na Matriz do Sonhar Social, o compartilhamento criativo de Sonhos permite a emergência de múltiplos e infinitos significados e sentidos. Além disso, a matriz ainda pode ser considerada como um espaço, que ‘contém os Sonhos e suas transformações’, a partir da ampliação

da linguagem e do pensamento. Considerando que num processo criativo de escrita em grupo, vários movimentos são esperados e acolhidos, algumas obras partiram dos Sonhos próprios dos autores, ao mesmo tempo que receberam contribuições e interferências, após estarem no contexto da matriz.

Foram apresentados aos grupos, um arcabouço histórico de referência, de grandes nomes da literatura mundial, cinema, filosofia e Psicologia, que tiveram os Sonhos como parte de seus interesses, pesquisas e criações. Nomes como Jorge Luis Borges, Jack Kerouac, Federico Fellini, André Breton, C.G. Jung, Akira Kurosawa, David Brum, Aníbal M. Machado, Júlio Cortázar, Cecília Meireles, Franz Kafka, Walter Benjamim, dentre outros.

Obras artísticas de referência, apresentam diferentes dimensões estéticas, e contribuem para a aproximação do material onírico, a um caráter de linguagem e gênero, e não apenas como fonte de inspiração. Kerouac em seu 'Livro dos Sonhos' (1998), dedicou seus escritos oníricos "às rosas do porvir", e Borges (2009, p. 227) dizia que "os Sonhos são uma forma muito antiga de arte, quando não estamos raciocinando, mas criamos pequenas obras dramáticas".

A oficina ainda se apoiou em alguns conceitos surrealistas e metafóricos, que nos sinalizam que para sairmos do reino imperativo da lógica, que nos rege através do racionalismo fundamentado pela utilidade imediata e voltado para funcionalismo, abrem-se as portas dos Sonhos. Sob esta perspectiva, me ocupei de fazer provocações aos grupos, no sentido de pensarem narrativas a partir de diferentes horizontes, algo como "Encontrar o sonho em seu próprio país, atravessar a ponte, ir para o fundo, para dentro. Não trazê-lo para o dia" (Hillman, 2013). As obras Touro Vermelho, Sicar, Não Sonho, Na fila dos Sonhos, são exemplos de criações que partiram de perspectivas diversas, nas relações entre

os autores e a matéria prima, especialmente naquilo que considero um 'tensionamento', entre a fronteira consciência/inconsciente, a partir do manejo criativo.

Para André Breton, uma das principais figuras do Movimento Surrealista (1984), era inaceitável que o onírico, parte tão importante da atividade psíquica, tivesse tão pouco espaço na vida cotidiana; segundo ele o Sonho e a noite não deveriam ficar reduzidos a um "parêntese".

Importante considerar que ao caracterizarmos os Sonhos com o adjetivo de Surrealista, retornamos aos princípios que fundamentaram o movimento e, portanto, a nomenclatura. Ou seja, o Surrealismo não se reduz aquilo que possui características 'fantásticas', mas decorre exatamente do fenômeno dos Sonhos. É muito comum encontrar obras qualificadas como 'oníricas', por terem características que fogem à lógica. Particularmente, prefiro ser fiel as palavras e seus conceitos, e chamar de 'onírico' ou 'surrealista', aquilo que nasce, literalmente da matéria dos Sonhos.

Louis Aragon, contemporâneo de Breton e também um dos fundadores do Movimento Surrealista, escreve e publica o texto Uma vaga de Sonhos (poucos meses antes da publicação do Manifesto do Surrealismo) onde expõe, a base sob a qual o Movimento surgiu, qual seja - o universo dos Sonhos.

[uma ideia formada não se limita a ser, ela se reflete: ela existe. Assim, o conceito de surrealidade, durante dois anos, rodopiou em torno de si mesmo, arrastando consigo um universo de determinações. E nesse recuo ele reencontrou primeiro as imagens que presidiram à sua gênese, como um filho que reencontra seus pais, quando todo seu corpo está reunido e moído em parcelas, pronto para grandes mistérios e já esquecido desses velhos. Ele reencontrou, em seu ponto de partida, o sonho, de onde ele saiu. Mas então o sonho, ao clarão do Surrealismo,

acendeu-se e assumiu seu significado. Assim, André Breton, ao anotar seus sonhos, fez, pela primeira vez desde que o mundo é mundo, com que eles conservassem, na narrativa, o seu caráter de sonho.] (Aragon, 2024, p. 37)

Então, ao trazer o adjetivo Surrealismo, para nomear ou caracterizar os Sonhos, devemos entender o lugar central que os Sonhos tinham dentro do movimento, que extrapolava intenções anárquicas frente a racionalidade. A experiência com os Sonhos, para os surrealistas, era uma forma de aventura-se para dentro de si, em busca de novos meios de expressão e linguagem, a partir do surgimento espontâneo das imagens, sem juízo crítico (Couto, 1984, p. 23).

[proclamando os plenos poderes da imaginação, do sonho e da loucura sobre a atitude lógica e realista, Breton reivindicava para surrealistas a herança dos que tinham, antes deles, mergulhado no abismo seu próprio inconsciente, perdendo-se para a vida mundana e vivendo sob forma de poesia pura: Nerval, Baudelaire, Sade, Rimbaud, Lautréamont, Jarry. Era a esse caminho que os surrealistas se lançavam, só que agora coletivamente.] (idem, p. 35)

Pensar na experiência do compartilhamento de Sonhos em grupo, é algo que exige preparação, tanto de quem é facilitador dos encontros, quanto dos participantes. Em termos de metodologia, a primeira orientação feita neste projeto, após o período de abertura de inscrições, era sobre a necessidade dos registros dos Sonhos (Anexo 1). Também foi enfatizado o caráter artístico/literário dos encontros e, portanto, que deveria ser cuidadosa a escolha dos conteúdos, de modo que os mesmos não se caracterizassem como muito sensíveis aos sonhadores, já que os encontros não tinham caráter psicoterapêutico, e não seriam continentes adequados para tal demanda.

Na ocasião dos encontros, os locais eram preparados de modo que as pessoas ficassem sentadas em formato de círculo ou semicírculo, facilitando desse modo, a abertura do campo visual uns com os outros. No centro ou na lateral dos grupos, ficavam expostos o material literário sob os quais nos debruçaríamos, com importantes obras criadas a partir dos Sonhos (metodologia no Anexo 2). Parte do material literário utilizado, está citado ao final do livro, nas referências bibliográficas.

Na composição do projeto, foram feitas 5 oficinas em 5 cidades de Santa Catarina, mais alguns encontros online, e muitas e muitas horas de orientação e acompanhamento para a composição dos textos, que compõe este livro. Cada oficina foi adaptada em consideração as características específicas que se apresentaram em cada grupo. Seguiram até a jornada da publicação, cerca de ¼ dos participantes das oficinas, alguns partiram do material construído nos encontros presenciais, outros mudaram o rumo a medida se debruçavam na escrita, e agregaram outras imagens que lhes ocorreram, sincronisticamente.

Uma das provocações originais deste projeto, era a pergunta: Mas afinal, o que sonham os catarinenses? Obviamente, que por não se tratar de uma pesquisa científica, e sim poético/cartográfica, a resposta não se daria no campo quantitativo. De todo modo, a cartografia final, que você tem em mãos, oferece uma mostra de diversos elementos simbólicos e arquetípicos que surgiram, ora de maneira extraordinária, ora de maneira sistemática:

SI-MESMO. DEUS. PAI. DIABO. AMIGO. AMIGA. IRMÃO. IRMÃ. GEMEAS. CRIANÇA. AVÔ. AVÓ. VELHA. VELHO. GATO. TOURO. MARIONETISTA. ZUMBIS. GRAVIDEZ. NÃO-NASCIDO. NASCIMENTO. ABORTO. MORTE. ENCHENTE. XIXI. FIM DO MUNDO. MÚSICA. SONHOS. CÉU.RIO. MAR. CASA. ESCRITÓRIO. GEOGRAFIA BRASILEIRAS. EUROPA. INFERNO. HADES. NECROTÉRIO.

A imagem mais recorrente, que surgiu em cerca de 30% dos Sonhos compartilhados (entre oficinas e obras publicadas), foi a dos IRMÃOS e AMIGOS. Alguns destes Sonhos, foram base para algumas construções presentes aqui no livro, outras, estiveram somente nos encontros das oficinas.

Irmãos, irmãs, amigos e amigas, são figuras relacionadas, aquilo que dentro da perspectiva da Psicologia Analítica (e Psicologia Arquetípica), chamamos de Arquétipo Fraternal. Tais pessoas, seriam a imagem arquetípica, ou a representação (manifestação) do Arquétipo Fraternal. São personagens, que ocupam um lugar contingencial nos estudos da Psique Humana, mas que possuem um papel fundamental na “*constituição da individualidade*” (Barcellos, 2018, pg. 17).

As relações entre pares, sejam eles irmãos ou amigos, estão no campo das relações horizontais e fraternas, ligadas pela consanguinidade e/ou por afetos, afinidades e semelhanças. Os pares, são aquelas pessoas com as quais compartilhamos momentos ou épocas da nossa vida, pessoas que estão conosco e que vão nos afirmando como indivíduos, nos mostrando que fazemos sentido e que temos um lugar no mundo. Os irmãos de sangue, são aqueles que nascem conosco, apresentam ‘familiaridade’, pois possuem as mesmas origens e normalmente compartilham da intimidade da vivência familiar, durante alguns anos de vida. Os amigos são aqueles que seguem ao lado, caminham juntos – par a par.

[os irmãos guardam nossa memória, são testemunhas de nossas vidas, tantas vezes presentes em nosso nascimento e em nossa morte – uma relação única, potencialmente da vida toda] (Barcellos, 2018, p. 27)

Em todos os encontros os pares (amigos/irmãos) estiveram presentes, em momentos de profunda emoção.

Primeiro quando estas pessoas eram lembradas, seja porque apareceram em Sonhos, ou porque surgiam a partir do compartilhamento de memórias. As cartas abriam um canal de comunicação quase automática, e a escrita ganhava contornos literários, com um tipo de poesia muito particular, ora atendendo aos anseios da saudade, do pesar ou ainda do querer bem, e querer sempre, aquele que não mais se viu. Chorou-se em todas as oficinas. Em outros tempos, me perguntaria se neste tipo de ambiente se pode criar, escrever, pensar em literatura, buscar simbologias, ou atender a finalidade/concreta. Hoje eu penso que estar inteiro num grupo, com aquilo que é mais íntimo e precioso, é o próprio terreno de criação. Criar um novo mundo a partir do que se é, do que se foi, por-e-para aqueles que já foram. A escrita comunica. **E s c r e v e r** significa materializar aquilo que está dentro de nós. Ler e compartilhar significa criar uma ponte, entre o eu e o outro. Tão forte ainda é quando escrevemos nossos Sonhos para aqueles que não mais estão aqui. Talvez estejam mais próximos do mundos dos Sonhos, quem sabe.

As oficinas foram terreno de Jornadas com os pares:

Jô construiu uma casa para Ligia. Josane contou para Wagner sobre as rosas que cuidaram das cinzas. Sonia encontrou sua irmã pela última vez. Fernanda, encontrou o filho não nascido de Marilene. Caren encontrou um par, aos pés da Chapada. Thalita se esgueirou pelo novo mundo com Melanie e Ian. As luas gêmeas de Hades banharam o rosto de Leônidas. Paulo puxou o fio da sintonia com o velho Avô. Bruna nos conduziu ao limbo, ao céu e ao inferno. Vimos Priscila e seu outro-eu. Descobrimos um desconhecido invisível com Raissa. Geovane se rendeu, e alimentou o gato-tigre-hominídeo (com frango). Com Jaque, cedemos a loucura do Touro Vermelho. Bruno quis um Sonho. Thiago procurou um Sonho. Joanna esqueceu como se Sonha: mas ainda ama. Susete perguntou: Que força é essa? Maria Ap. nos contou

que Dolores regressou só. Valcária contou a sua irmã que seriam avós de meninas! Natália disse que a estrutura está dentro da gente, ainda que esteja tudo aguado e escuro do lado de fora. Biana brincou em versos, no reino da morte e da vida. Ligia contou flores no asfalto. Yonara, Bruna e Elisa se encontram no banheiro. Thais embalou a todos com a primeira música.

Eu Sonhei com eles, e simultaneamente, escrevemos um parte da história de um Sonho coletivo. Somos aquelas pessoas vindas do Sul, em busca das terras dos Sonhos, que está um tanto à parte deste mundo. A natureza do encontro é excepcional. *“A realidade não é um Sonho de um ou dois indivíduos apenas, mas um Sonho universal”* (Suzuki, 2024, p.98).

POÉTICAS ONÍRICAS

CAPÍTULO 01



SICAR

Thais Maria

♩=120

7

14

19 rit.

Sicar é uma cidade situada entre duas montanhas e conhecida por seus poços de água, era um local de passagem, marcado tanto por bênçãos quanto por maldições. É um símbolo de encontros transformadores, reconciliação e de transformação espiritual. Representa ainda o mistério que emerge do desconhecido que leva à redenção.

para ouvir a versão em áudio acesse
<https://sandracoelho.com.br/site/sicar/>
ou através do QR Code ao lado



Cientista social, violinista e professora. Apaixonada pela história da música. Com experiência em música erudita e entusiasta dos ritmos brasileiros. Contato: @thaisrmaria

SETE PALMOS DE ESCADA

Bruna Ferracioli

Não sei dizer qual foi a situação que levou ao acontecimento irremediável da minha vida. A minha morte. Curiosamente, também não sei nada sobre a vida do corpo com o qual cheguei ao limbo. Eu não a reconhecia, uma mulher branca, jovem, magra, de cabelo curto e loiro, com franja, usando um vestido floral, um lenço no pescoço e uma sandália de couro. Teria sido um engano? O limbo era um lugar todo branco, aparentemente infinito, tão previsível que eu não tive dúvidas sobre o meu infortúnio. Havia alguém no ponto mais iluminado do espaço, uma luz difusa que não vinha de nenhum lugar específico, a qual sugestivamente apontava para a única pessoa que estava ali além de mim e que vestia uma túnica branca. Ao que tudo indica era um homem. Fui em sua direção, estava certa de que conseguiria mais informações sobre a minha morte ou quem sabe ele poderia desfazer o erro que havia acontecido. Eu não lembro exatamente o que falei para ele, mas lembro que a sua resposta foi uma pergunta: “Você deseja ir para o céu ou para o inferno?” Fiquei surpresa e confesso, até um pouco frustrada. Era uma escolha. Eu queria, sem dúvidas, ir para o céu, mas fiquei tão perplexa com a possibilidade de escolher, que achei adequado argumentar: “Bom, eu não conheço nenhum dos dois, posso visitar antes de decidir?” Falei como quem vai desistindo do que está falando e logo que eu terminei, ele já fez outra pergunta: “Qual você gostaria de visitar primeiro?” Não acreditei, até isso dá para escolher? É claro

que eu não resisti à curiosidade e decidi conhecer primeiro o inferno. Começamos a descer uma escadaria de concreto, larga, fria, pouco iluminada e com degraus a perder de vista. Descemos por algum tempo, até chegar a uma porta grande de metal e o homem de túnica parou ali, entendi que da porta para frente, eu deveria seguir sozinha. Abri uma fresta e vi de relance uma luz laranja, imediatamente já senti os meus olhos arderem e com dificuldade fui os abrindo aos poucos. Avancei pela porta e tive, finalmente, a visão do inferno. Era uma cidade em ruínas, haviam focos de incêndio por toda parte, paredes e telhados destruídos, explosões, fumaça, fuligem, um verdadeiro cenário de guerra. Era de noite quando cheguei, mas não estava escuro, penso que por conta da quantidade de lugares que pegavam fogo. As pessoas andavam em grupos, provavelmente para se protegerem, e eles - e eram maioria homens - usavam roupas escuras, rasgadas, sujas, queimadas e tinham em seus corpos machucados e com cicatrizes. Eram todos violentos, quebravam as poucas paredes que ainda estavam em pé, brigavam entre si, ateavam mais fogo e vibravam num desejo pulsante por destruição. Parecia perigoso estar ali e nesse momento eu achei que já tinha visto o suficiente para uma visita, mas quando olhei para trás, a porta não estava lá. Fiquei assustada, porque eu sabia que com aquele vestido eu chamava muita atenção, então fui caminhando devagar, tentando não demonstrar meu pavor, enquanto procurava algum lugar onde eu pudesse me esconder. Foi quando um outro grupo com mais pessoas e aparentemente de outra classe social veio em minha direção. As pessoas desse grupo estavam muito bem vestidas, com suas roupas pretas, de tecidos finos, muitos acessórios, cabelos ousados, quase dava impressão de que estavam vindo de um desfile de moda. Fiquei encantada, eram todos muito atraentes e entre eles, um homem chamava bastante atenção. Ele era, com toda certeza, o homem mais bonito

do mundo. Foi inevitável, olhei para ele e me apaixonei. Gentilmente ele me convidou para andar junto com o seu grupo e conhecer um pouco mais a cidade, digo, o inferno. Como eu não tinha muitas opções, pensei: Por que não? Eu me senti tão seduzida e amparada por ele e as coisas foram acontecendo tão rápido entre a gente que de repente quando eu me dei conta, eu estava grávida dele. Eu não sabia o que fazer, era para ser só uma visita. Como é que eu iria para o céu depois disso? A porta de metal não estava em nenhuma parte da cidade, o dia nunca chegava, as pessoas continuavam brigando, colocando fogo, destruindo coisas e agora eu estava grávida? Aquele definitivamente era o inferno. A partir daquele momento, meu semblante mudou, eu continuava andando com o grupo dele, por uma questão de segurança, mas eu me sentia angustiada, culpada, uma aberração. Juntei toda a coragem que eu tinha, que não era muita, e fui falar com o homem por quem apaixonei. Eu não sabia se ele tinha ou não conhecimento a respeito da gravidez e achei melhor nem tocar nesse assunto, apenas confessei que eu não estava me sentindo bem ali, expliquei que era uma visita, que eu nem tinha roupa para andar junto com ele e que realmente eu estava me sentindo bastante deslocada. Ele me escutou, concordou comigo, balançou a cabeça e disse: Mas você não pode voltar para a terra, você já morreu, as pessoas vão te reconhecer”. Conforme ele falava, as expressões do meu rosto reforçavam a tristeza que eu estava sentindo, mas antes que eu começasse a chorar, ele continuou: “A não ser que eu faça...” Eu o interrompi e disse: “Qualquer coisa!” Então ele colocou as mãos no meu rosto e eu senti suas mãos ficando quentes, insuportavelmente quentes, a minha pele começou a derreter, o meu rosto foi se desfigurando, eu fiquei irreconhecível. Comecei a subir uma escada apertada e torta, com luzes quentes e com esforço cheguei até uma porta de madeira, simples e pequena. Antes de passar

pela porta, coloquei o lenço na cabeça, na tentativa de esconder o meu rosto e quando atravesssei, eu me deparei com uma sala, também pequena, com alguns móveis antigos de madeira. Essa sala me lembrava os cômodos internos de algumas igrejas, talvez eu estivesse na terra. Enquanto eu ia conferindo os detalhes para entender onde exatamente eu estava, uma velhinha apareceu. Ela não se mostrou assustada com a minha presença e também não demonstrou nenhum desconforto com o meu rosto. Ainda assim, eu fiz o possível para cobrir mais e deixei só os olhos aparecendo. Ela me perguntou o que eu estava fazendo ali e um pouco constrangida eu respondi: “Bem, então, eu, na verdade, precisava muito falar com Deus”. Tentei falar isso sem parecer tão absurdo, mas ao que tudo indica, a senhorinha entendeu exatamente o que eu estava precisando e apenas disse: “Então fala”. Respirei fundo, abaixei a cabeça, passei as mãos nos olhos e ao abrir, ela já não estava mais lá. Olhei para sala e encontrei um genuflexório. Achei que faria sentido ajoelhar ali, minha avó fazia isso, parecia ser o correto a se fazer. Eu expliquei para Deus que eu não queria ter aquele filho, que não fazia sentido algum. Enquanto eu ia desabafando, eu senti muita vontade de fazer xixi e percebi que eu não ia ao banheiro desde que tinha morrido. Saí dali às pressas, fui entrando nos outros cômodos e eu estava tão apertada que quando encontrei o banheiro, foi um alívio enorme. Ao me levantar, vi que no vaso sanitário havia um líquido denso e escuro. Fechei a tampa e dei descarga.

Multiartista, pesquisadora da voz, produtora cultural e professora de teatro. Atua na música, audiovisual e teatro, em projetos e trabalhos autorais. @abrunaferracioli



O EU QUE ME VIA VENDO

Priscila Schaucoski

O eu que me via vendo

Eu me via
Via que me via no espelho,
O eu que me via vendo
Via um corpo que não era o meu

O espelho

- oval e estreito - comprido que cabia um corpo inteiro
o corpo que não era o meu
mas era eu
porque eu me via

Ficava em pé no meio da sala
Não tinha nada em que se
O outro Eu
Eu me vendo - diferente de mim
mas era eu - Mulher
se vendo nua
de pé

Diferente de mim

a pele branca e o corpo miúdo

os cabelos lisos, divididos ao meio
escuros
mais escuros que o meu

amarrados pra trás em um coque baixo
Refletiam uma imagem
que não era eu

O Eu em Mim

A cabeça inclinada assim
olhava para a barriga
Grávidas
Ela
eu

Mas logo eu que me via vendo

percebo
era uma barriga estranha
redonda, pra baixo, deslocada
me vendo
tenho dúvida se de fato há em mim esse eu

De repente uma música

me interrompe

“Só você que me ilumina, meu pequeno talismã. Como é doce essa rotina de te amar toda manhã. Nos momentos mais difíceis...”.

A frase ecoa
sonora
volta ao início como
mantra com valor de fé

O MENINO ENSOLARADO

Fernanda Cabral e Silva

O eu que me via vendo

sente uma memória
um filme assistido
uma história

Era sobre

maternidade - eu acho
o que mais era? - eu penso
enquanto eu me via vendo

Atriz, musicista e produtora cultural. Cofundadora do Grupo Cirandela, onde pesquisa o atravessamento da música com outras linguagens. Contato: @priscilaschaucoski

Fim de tarde chegando e os raios solares pareciam brincar com as sombras projetadas das árvores ao chão. Costuras de paisagens dançantes se formavam incessantemente, e orbitaram - em linguagem extravagante - por nove noites em nove horas.

Caminhando pela estrada, num lugar que oscilava entre o conhecido e o desconhecido, meus olhos voltaram-se para perto, quando vi um menino de cócoras. Era um menino ensolarado, que parecia fazer parte da dança do sol e da sombra.

Com um pequeno graveto na sua mão, desenhou no chão de terra traços que formavam um retângulo central com linhas sinuosas ao seu redor. Com sua voz suave me disse:

- O centro é tudo. Tudo deriva do centro, e as linhas sinuosas são os sobreviventes do mundo!

O menino ensolarado ergueu o braço, apontou para sua frente, mostrando a direção de onde veio. Caminhamos por esta estrada por algum tempo, enquanto observamos o céu brilhante. Era a noite poente mais linda que já havia visto.

Ao fim da caminhada, chegamos ao topo de um morro, de onde avistávamos apenas a escuridão e na lateral direita uma igreja cortada ao meio, por onde era possível observar seu interior, repleto de adereços natalinos. Havia ainda um padre sentado em uma cadeira, próximo ao altar.

Uma mulher aparentando uns 60 anos caminhou em direção à igreja e sentou-se ao lado do padre. Entusiasmada com a cena, virei-me para perguntar ao menino ensolarado se estava vendo o mesmo. Espantei-me, pois, ele olhou nos meus olhos e disse:

- Essa mulher que caminha em direção à igreja é minha mãe!

E prosseguiu:

- Empresta-me teu corpo para que possamos nos encontrar?

O menino ensolarado era o filho não nascido. Nem tive tempo de compor uma resposta, pois, ao erguer a cabeça, ainda em assombro, o menino ensolarado já havia deixado o graveto de lado, e corria pelas linhas sinuosas dos meus olhos, como que carregado pela correnteza do rio. Não pude resistir.

Vi a mulher dividir-se. Metade permanecia sentada ao lado do padre e sua outra metade estava se aproximando de mim. Eu a conhecia!

E perguntei:

- Marilene é você?

Ela respondeu:

- Sim!

Tinha certeza que a mulher sentada ao lado do padre e a mulher que estava próximo de mim era ao mesmo tempo a mesma pessoa.

Eu e a Marilene caminhamos, até o momento onde dei um impulso e saltei no ar. Flutuando, estendi minhas mãos para alcançá-la. Ela relutou, mas logo começou a flutuar comigo. Os nossos corpos se juntaram como se fôssemos um.

Como o caos dançante entre raios solares e sombras noturnas, nós nos misturamos num único corpo. Em rodopios, dançávamos ao som da melodia de uma música

natalina bem conhecida: Então é Natal! Porém, a letra era diferente da música original:

"Então, Mãe

Eu estou entre o começo e o fim.

Mãe,

Dentro dos olhos dos três, Eu estou.

Mãe,

Olhe para mim.

Diante do útero da Mãe

Conhece-se o Pai

Por instante, somos Um.

Mãe,

Olhe para mim..."

Esta mistura durou pelo tempo de nove horas. A mulher dividida flutuava sobre meu corpo, mas percebo que não era meu corpo. Era o menino ensolarado. O menino ensolarado havia assumido meu corpo para falar com a mulher dividida, que era sua mãe.

O menino ensolarado olha para ela e diz:

- Mãe, sou eu! Vim lhe dizer que não puder vir. Mas, cascatas do que eu sou, habitam borbulhantes em cada irmão meu. Todos os dias, estais comigo!

Eu vi mãe e filho num só corpo!

Meu corpo, em fascínio e perplexidade, tentava se organizar diante do caos e das miragens que se abriram naquela noite. Tateando no escuro, alcancei a mão da mulher dividida. Descemos até o chão.

Choramos juntas.

Mestre em Gestão de Políticas Públicas - Univali/Itajaí - SC.
Psicóloga. Contato: cnanda13@gmail.com

TERRAS DE ARUANDA

Caren Delfino Pivetta

Aos pés da Chapada
Nosso encontro aconteceu
Em um dia nublado
No serrado

Lá estava você
Em pé na varanda
A minha espera
Cedeu a sua mão
Abalou o meu coração

Éramos nós agora
Frente a frente
Olhares apaixonados
Peito aconchegado
Naquele dia bem-aventurado

Num instante o sol apareceu.
De mãos dadas caminhamos
Na troca de olhares, palavras ditas
Girávamos de alegria
Naquele sublime dia

Duas crianças
Cheias de esperança
De braços abertos
Almas iluminadas
Aos pés da chapada

Assistente Social, graduanda em Psicologia pela UNESC.
Contato: carenp24@gmail.com

O FIO DA SINTONIA

Paulo Henrique Schlickmann

A criança caminhava na areia remexida pelos ventos
Num redemoinho, pra lá e pra cá, às dunas
Trazidas e carregadas
Misturadas e confundidas, no coração e mente de um
menino

Grisalho e calmo, um velho avô, gentil formador daquela
infância
Na roça, no mar, no conforto livre dos butiazeiros e
bambuzais, luzes ao neto
Trazia consigo, em visitas demoradas, alegrias e harmonias
Levava, ao retorno para casa, amor, gratidão e admiração

Não havia mistérios que não fossem desvendados
Nem praias desertas inexploradas
Estradas, picadas, trilhas e matas
Avô e neto, unidos pelo fio da sintonia

Contava um dia das pescarias, no Pantanal Matogrossense
Das paisagens do Pai Inácio, portentoso, na Diamantina
Indicava os mistérios da Canastra, nas Gerais
Desbravador dos Guimarães, Veadeiros e Jalapão
Imagina a alegria da geografia

Dizia que um dia, o neto poderia, quem sabe também
Pisar nas areias abundantes das veredas
Sertão, veredas!
Do velho Chico, que para ele, deságua nunca
Naquele mundo d'água em dispersão, no lugar seco,
imensidão

Em Jaguaruna, ao mar aberto, linhas em demasia
Itapirubá, rochedos, penhascos, paratis, espadas e corvinas
Praia do Rosa, pesqueiro livre, Praia do Porto
Em Laguna, no Gi ou nos molhes

Com facilidade ao fim da vida, na plataforma
Os anzóis do velho finalmente descansaram
É carta aberta ao meu avô!
Que certo dia, espaço e tempo, abençoou

Professor da rede pública de ensino em Itajaí, SC. Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Escritor. Pintor de telas a óleo. @paulohenrique_sch

CAPÍTULO 2

UMA CASA PARA LÍGIA

Jô Fornari

Na casa de Lígia as paredes deveriam ser transparentes
Para permitir o mundo lá fora entrar - sem fazer alarde
[mas não tão transparente a ponto de não ter nenhum
registro do que já foi, do que esteve, do que ficou]

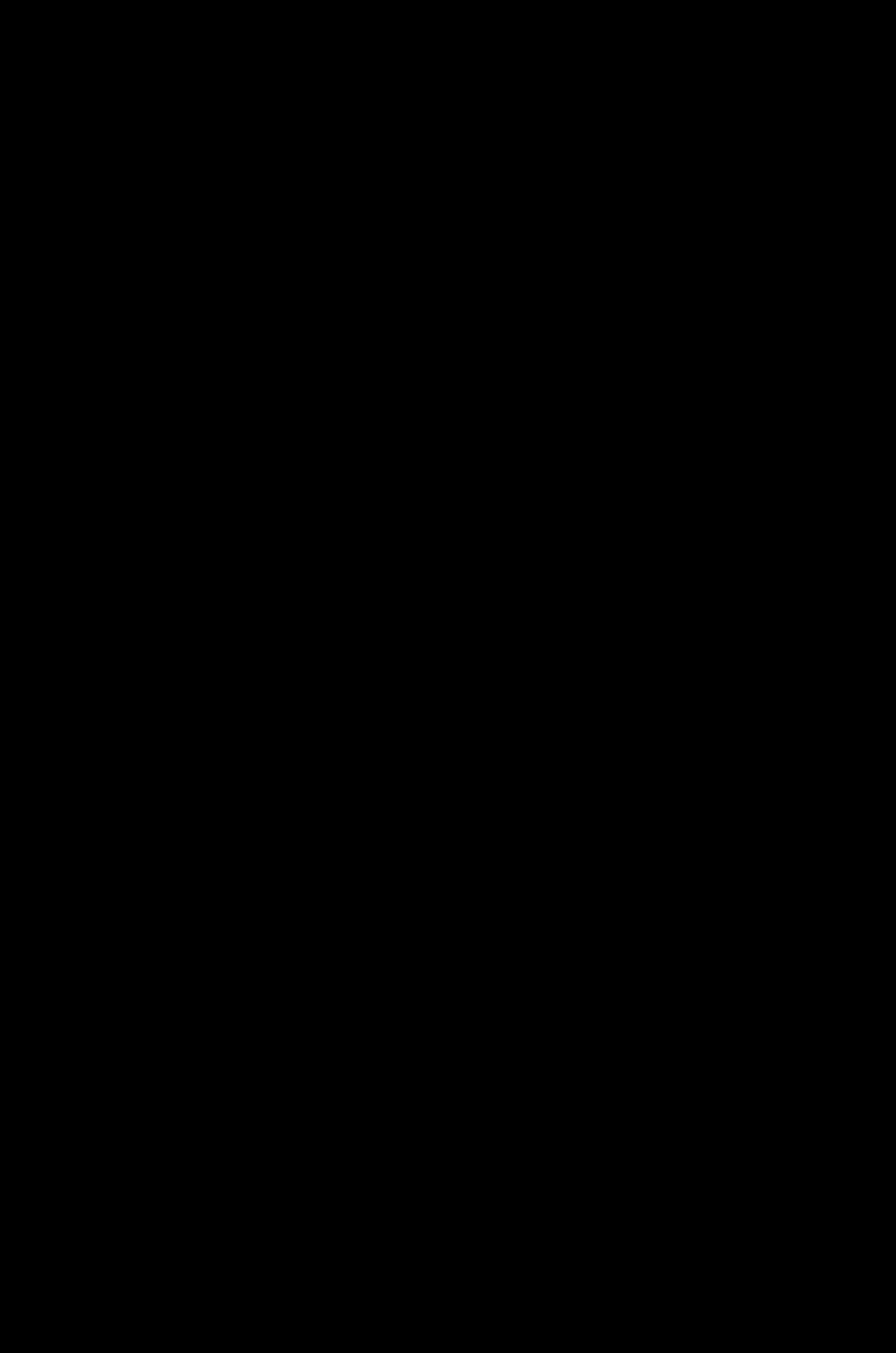
Na casa de Lígia os cômodos poderiam ser pequenos
Para evitar o desperdício de voltas no relógio
Afim de deixá-los limpos e arrumados
[mas não tão pequenos a ponto de faltar espaço para os
delírios]

Na casa de Lígia haveria um teto amplo
Para que entrasse os raios de sol acalmando as tempestades
que a habitam
[mas que não lhe tirasse a vista do brilho noturno das
estrelas]

Uma casa que fosse um ninho - mas também passarinho
que fosse assim, do tamanho da sua delicadeza
Para deitar e dormir, como em colo de mãe e de avó

Uma casa que tivesse quintal - pro varal das saudades e
das lamparinas
que iluminasse os sonhos de outros sonhadores
que talvez possam chegar, ficar ou apenas pousar, na casa
ninho de Lígia.

Artista com incursões em Teatro, Audiovisual e Artes visuais.
Pesquisadora da memória e identidade. Brincante na escrita.
Integrante da Cia Andante. Contato: @jofornari



O DESCONHECIDO QUE HABITA

Raíssa Martins da Silva

Hoje foi um dia agitado. Fui visitar meus avós em sua nova casa. Estavam felizes.

Diziam que a residência era muito maior do que eles precisavam. Era realmente impressionante como poderia caber tanta coisa em um terreno comum.

De repente, tive um *déjà vu*. Percebi que já havia estado naquele lugar. Não sei dizer se havia visitado outro alguém ali ou se morei na casa em outra vida. O fato é que me lembrei daquelas paredes e da existência de outros cômodos que não foram mencionados pela minha avó durante a empolgada narrativa.

Quando eles terminaram de apresentar a casa, eu lhes revelei que havia mais. Passamos então, a adentrar em cômodos inexplorados. Eram três novos aposentos que subiam em direção ao céu. Uma portinha discreta nos levou ao primeiro quarto, que parecia ter pertencido à duas meninas. Alguns traços de infância poderiam ser percebidos. Em um armário, haviam muitos brinquedos. Todos iguais. Estavam fechados. Não pertenciam às meninas. Na verdade, eram presentes que reservavam aos outros. Dali mesmo foi possível acessar o segundo cômodo inexplorado. Era um quarto que parecia de hóspedes.

Neste ponto meus avós já estavam perplexos. A casa já era muito grande. E agora se revelavam dimensões ainda maiores. O impressionante mesmo foi o terceiro cômodo que descobrimos na sequência. Era maravilhoso. Um quarto amplo que contemplava uma sala. Tinha uma decoração impecável, exalava conforto. Se tratava do melhor cômodo daquela casa inteira. Meus avós seguiam impressionados.

O êxtase não durou muito. Logo percebemos que alguém, um desconhecido, estava habitando aquele último cômodo. Havia alguma desordem na mobília, alguns restos sobre a mesa, migalhas, que nos deram essa informação. Esse cômodo tinha uma entrada pela rua dos fundos, e certamente era por ali que adentrava o desconhecido. A sensação causada pelos sinais do intruso nos pegou de surpresa.

Vou levar um tempo para assimilar o ocorrido. A nova casa dos meus avós, que parecia ser também minha. Os três cômodos inexplorados. Um intruso que vivia no melhor quarto. Quanta novidade. Era assustador saber que havia mais. Era bom saber que havia mais.

Entusiasta do universo da escrita e da leitura. Mestre em Ciência Jurídica (UNIVALI) e Derecho Ambiental y de la Sostenibilidad (MADAS-UA).

PLANO “B”

Yonara Marques

Hoje aqui chove bastante. É calor e chove muito. Lembrei de quando era criança e tomava banho de chuva. Vontade de fazer xixi.

Em meio a essa lembrança conheci um velhinho Marionetista, de cabelos e barba bem branquinhos. Ele trazia uma espécie de mini palco à italiana, como sendo sua empanada de bonecos. Ali, todos os equipamentos e aparelhagens de um palco de tamanho normal. Seu pequeno mundo, projetado à frente de seu tronco. Era tudo que ele precisava.

Sentado
Barbas e cabelos branquinhos
Um avental /palco apoiado em sua barriga
Seu pescoço sustentava o avental palco/saia
Ali ele ficava - o peso da caixa caía-lhe sobre suas
pernas cansadas
Ali ele criava histórias e manipulava seus bonecos

O velhinho estava apresentando esse teatro de Marionete, dentro de um Galpão. Também nós íamos apresentar nosso teatro ali. Chovia lá fora e o Galpão era uma alternativa boa: o tal plano “B”. Era um galpão de madeira muito grande. Foi num corredor lateral, que dava acesso ao banheiro, que conheci o Marionetista.

Faço muito xixi antes de entrar em cena (risos).

E, por um instante, fui levada à lembrança da casa de madeira onde morei, madeira como o galpão “Plano B”. Ela ficava na subida de um morro. Na sala desta casa, ficava um aparelho de som - o nosso 3 em 1. Nessa sala tinha uma janela grande, de vidro de correr. Em dias de chuva eu botava um vinil para tocar, abria a janela de vidro e sentava na janela. Escutando o vinil com a percussão da chuva caindo.

“Plano B” - vai ter apresentação? O espaço onde íamos apresentar ficava numa parte desse Galpão que tinha uma janela igualzinha aquela da minha lembrança - da casa de madeira da infância. Sentei na janela. Do Galpão. Só que do lado de fora, não tinha chuva - Tinha um mar imenso! Suas ondas beijavam a parede abaixo dessa janela.

Eu sentada na janela apreciando o mar. Não tinha o vinil dessa vez.

A nossa empanada de bonecos estava sendo montada nessa parte do galpão, chovia muito lá fora. Na entrada do galpão havia uma grande porta. Podia -se ver chuvas e trovoadas. Do lado oposto, nos fundos: a janela que eu estava sentada. Com o mar imenso lá fora.

Fato curioso que não contei: naquela minha ida ao banheiro, o velhinho olhou nos meus olhos e disse: vai acabar tudo - “O mundo vai acabar daqui a pouquinho” . Eu ri. Ouvi um som. Pela janela eu vi, o mar recuando indo para a longe. Voltei meu olhar para o velhinho, ele piscou para mim e colocou um nariz de palhaço. Mais uma sessão, mais três crianças que ficavam em banquinhos à sua frente. Respeitável Público!

Eu ainda na janela vendo o mar recuar mais e mais. O velhinho de cabelos e barba branca entretendo as crianças com suas Marionetes. Os adultos alvoroçados. Nossa empanada já pronta, a próxima atração será a nossa. Pensei no mar. Ele nunca é apenas distância ou apenas presença.

O que traz presença para mim, pode criar saudade em outros. Quando ele recua aqui para mim, alguém do outro lado do mundo fica mais perto dele. Quando o mar recua para o outro que está longe, é porque está batendo na minha janela. Não fizemos nossa apresentação.

O mundo acabou. Como numa ida pra fazer xixi.

Atriz, diretora, produtora cultural, cofundadora do Grupo de Teatro Revirado (1997). Mestre em Teatro pela UDESC, na linha de pesquisa imagens políticas. Contato: @yo_yonara

CAPÍTULO 3



A MEMÓRIA DO FIM

Thalita Borck Teixeira

Nosso mundo já não é mais o mesmo, é muito diferente de como o conhecíamos. Digo isso pelo fato de que há zumbis em convívio com a sociedade, como aqueles que vemos nas séries de televisão. Embora muitos já estejam acostumados com isso, eu não estou e tampouco tenho esperanças de que tudo volte a ser como antes. Não acho correta a forma como o governo lida com isto nos fazendo andar no meio deles.

Os “zumbis” surgiram após uma doença, que, em menos de 1 ano já havia atingido um terço da população mundial, não se sabe de onde ela surgiu, mas inicialmente o mundo entrou em colapso, todos ficaram muito assustados aguardando o pronunciamento do governo em relação a essa doença agressiva, que se espalha através da saliva. Conforme as novas normas estabelecidas por eles, deveríamos manter a calma e fazer quarentena até que o problema fosse resolvido, mas não foi, e agora andar em convívio com eles se tornou o novo “normal”.

Sinto um aperto sempre que lembro que os zumbis um dia já foram pessoas, com sentimentos reais, com ambições e sonhos, com família, e por conta dessa doença que ainda é um grande mistério, se tornaram ‘isso’.

Agora eles não têm sentimentos, não tem pensamentos e nem sabe o que fazem, é como se estivessem vivendo em uma casca vazia.

Vivo uma vida de mudanças: não tenho uma casa fixa e tento ir para o mais longe possível dos zumbis. Quando vejo que estão se aproximando de mim, vou para outro lugar. O resto do mundo tenta seguir a vida normalmente, cercados de policiais em cada esquina para se certificar que os zumbis não ataquem os humanos - embora eles sempre consigam atacar.

Eu, Melanie, e meu primo Ian, com o jeito que as regras foram implementadas após o surgimento dos zumbis, não gostamos do fato de termos que conviver entre eles e de como a violência vêm aumentando drasticamente, e seguimos por caminhos diferentes, mas nos encontramos de vez em quando por acaso e achamos divertido quando isso acontece.

Na semana passada, um grupo de zumbis me seguiu até a cidade. Não tive escolha a não ser pedir abrigo a uma senhora que vivia em uma casa relativamente próxima de onde eu estava. A casa era simples, mas aconchegante, bem arrumada. A dona da casa, a Senhora Rosa, era mãe de cinco filhos e se comoveu com meu pedido de socorro me dando abrigo e comida. Até que algumas crianças que brincavam lá fora correram em desespero para dentro da casa, quando viram que os zumbis estavam chegando.

Dona Rosa me levou para seu esconderijo debaixo da cama, um buraco feito à mão que provavelmente era para situações como estas. Porém não deu tempo de todos se esconderem e um de seus filhos ficou para trás.

Os policiais chegaram logo em seguida, mas não puderam salvá-lo, ouvi dois tiros logo na sequência. Me senti horrível em pensar que aquilo era minha culpa.

Fiquei muito mal e tentei consolá-la, mas senti que seria melhor ir embora naquele momento.

Segui meu rumo e cheguei até onde me encontro agora, a cidade vizinha abandonada onde tem uma roda gigante e um píer. Gosto dali por ser vazia e silenciosa, sem zumbis ou outras pessoas. Normalmente os zumbis ficam

em regiões mais populosas e como esta é uma cidade abandonada é muito mais difícil que venham para cá. Por isso gosto tanto do silêncio daqui.

Entro em um pet shop, tem peixinhos flutuando em seus respectivos aquários, rações espalhadas pelo chão e prateleiras bagunçadas.

Nesse silêncio eu permaneci por algum tempo. Lembrei de Ian, sinto muito sua falta e de suas histórias, mas principalmente de como o mundo era melhor quando ainda podíamos sair às ruas sem nos preocuparmos se ao virarmos a esquina haveria algum zumbi, ou quando não nos preocupávamos em quem morreu naquela madrugada, apenas coisas fúteis, como quem venceu o jogo de futebol ou se haveria prova de matemática na escola.

Queria poder fechar os olhos e voltar para como as coisas eram, nem que fosse por alguns minutos, eu aproveitaria cada segundo se soubesse como as coisas estariam diferentes daqui um tempo, queria poder mudar o mundo de alguma forma para que ninguém mais sofresse.

Agora entendo que, antes tínhamos tudo e não sabíamos, hoje não temos nada e sabemos disso.

Apaixonada por arte, música e palavras,
Encontra inspiração nos livros e vive através da criatividade.
Contato: thalitaborck42@gmail.com

HADES

Leonidas Silva Georgoula

Já faz vinte e sete dias desde que acordei nesse mundo sombrio, munido apenas de um diário e uma lanterna, que já está dando sinais de que se apagará para sempre.

Tento iluminar uma das páginas do diário. Se eu conseguir decifrar um dos sigilos, conseguirei abrir um portal para fora de Hades. Quando leio a página, nada parece vir à minha mente. Olho novamente o diário, mas ele parece estar mais estranho que o normal. Enquanto isso, a luz da lanterna começa a ficar mais fraca, até finalmente desaparecer.

As luas gêmeas de Hades banham meu rosto com sua luz. Até o momento, não encontrei outros humanos aqui, apenas outros diários como o meu, pergunto-me se eles foram escritos pela mesma pessoa. Estou exausto, mas temo dormir, pois sinto que algo me observa. Encosto-me em uma árvore morta, enquanto tento me manter acordado. Ouço então um latido, depois outro e outro. Um cão? No Hades? Neste mundo sem vida? Enquanto corro em direção aos seus latidos, tentava imaginar como ele veio parar aqui.

Eu o acho no meio de escombros, preso em ruínas que pareciam abandonadas há milhares de anos. Consigo tirá-lo das pedras que o aprisionavam, trazendo-o para perto de mim. Ele parece dócil, ofereço-lhe algumas amoras que eu colhi na floresta sombria. O cão parecia cansado, sento-me ao seu lado, tiro a sujeira do seu pelo

e compartilho meu casaco com ele. Sob a luz das duas luas, abro novamente o diário de sigilos e leio em voz alta:

- Este sigilo foi criado em um templo amaldiçoado.
- Onde um corpo foi profanado, por um coração envenenado.
- A marca pavorosa que rasteja, paralisa aqueles que corteja.
- Seu nome só deve ser dito caso queira ter esse destino.

- Qual é o meu sigilo?

Qual é o seu sigilo? Qual o seu nome? Qual o seu verdadeiro nome?

Eu olho para o cão sem nome ao meu lado e vejo uma serpente pronta para dar o bote, rapidamente jogo o diário de sigilos na direção dela. Alcanço o cão e coloco-o nos meus braços, ao mesmo tempo, vejo a serpente em cima do diário, enquanto ela se preparava para atacar novamente. O cão dá um latido de aviso e consigo desviar da serpente. Ao observar ela rastejando em minha direção, lembro do diário de sigilos.

A marca pavorosa que rasteja, paralisa aqueles que corteja.

O sigilo ao qual o diário estava se referindo é o da Medusa, a górgona da mitologia grega!

O cão se desvencilha de mim e corre em direção à serpente, matando-a. Ainda absorto com minha descoberta, eu abro o diário e recito:

- Seu nome só deve ser dito caso queira ter esse destino.
- Qual é o meu sigilo?
- Seu sigilo é Medusa.

Um portal se abre nas sombras, emanando uma luz misteriosa. Vinte e sete dias depois, eu finalmente iria sair de Hades. O cão late em meu colo. - Já sei qual será seu nome. Vou te chamar de Perseu. O cão late, em concordância.

- Vou precisar mesmo de um devorador de serpentes em Gorgon.

O garoto entra no portal com Perseu em seu colo, e os dois desaparecem na noite. Uma figura surge na floresta sombria de Hades. O ser segura um comunicador próximo de sua boca e profere apenas duas palavras: Bran escapou.

Pessoa trans não binária, mestrando em Educação pelo IFC, graduado em Administração Pública pela UDESC e graduando em Letras pela UNIVALI.

MR. SANDMAN. OU DA EXPERIÊNCIA DO JANTAR DE UM HELLO KITTY?

Geovane Kubiaki

Um dia longo, em que tudo poderia ser resumido a necessidade de uma poltrona fofa e confortável. Meus olhos que se perdem na imensidade de nada sob a meia luz e uma televisão que não fala, mas que preenche todo o espaço. Peso e mais peso dos dias se somam ao peso dos meus anos sob as minhas pálpebras que saltitam na esperança de encontrar abrigo para descansar, um suspiro e o controle desmorona e se desmancha da minha mão, quicando sob o tapete. Tapete. Nuvem de areia. Pés na praia e agora asfalto. Posso sentir daqui o ronco do motor se esforçando em subir cada vez mais alto e cada vez de forma mais desesperadora observar que o fim está próximo com os carros que se aproximam na contramão. Bastaria que o acostamento me abrigasse por milésimos de segundos para seguir a viagem, mas fico acovardado e fujo, me revolto e volto a seguir. Até que possa chegar a minha casa dando um salto do topo do morro ao infinito que me abraça em casa. As nuvens que vejo da janela Nesta casa, que agora ecoa o ruído estridente da televisão com mais um comercial com canções grudentas

do velho do baú. Preenchem mas são vazias, resta, com isso, um sorriso no canto da boca junto com a baba que escorre e começa a molhar meu colarinho. Um felino que se aproxima, semideus encarnado, alheio a qualquer constrangimento diário, insiste na minha obrigação de lhe servir. Poderia ser eu nessa posição de semideus, frenético para que a vida me sirva e que rechace qualquer apelo de misericórdia diante dos cansaços do mundo. Mas somente resta a briga. Começo. Um movimento de alívio oral toma conta de mim em poder jogar palavras desencadeadas fora, ainda que com um ser que se apresenta, felino, grande, amarelo, com pêlo duro, cauda longa e poucos rajados. A parte de trás do gato lembra o Tigre-da-Tasmânia, ah! o que fizeram deles? Mas o que seria dos nossos automóveis se tivéssemos feito passeatas por cada dinossauro extinto? Certamente estaríamos empurrando eles com a força dos pés, não do petróleo. Com uma unha grande pontuda em quadrado e grossa, me arranha. Dói mas não machuca. Estaria doendo pelo constrangimento, de na posição de animal racional da relação, estar discutindo com animal de segunda ordem? Sendo ele semideus e o homem semideus de si, estaríamos no mesmo nível? No rosto os pêlos da bochecha se prolongam fazendo um triângulo. Animal nominável. Gostaria que fugisse da minha casa, pois estou trabalhando e não tenho tempo, mas que insiste em permanecer. Quem gostaria de estar comigo? Insiste pelo carinho, pela atenção, pelo cuidado por um pouco de humanidade da minha parte tão endeusada. A noite chega, em meio a dilemas e o gato que segue a rolar, colocando as patas para cima, em um pedido para que o alimento. Mas com o que alimentar um gato-tigre-hominídeo? Ele me contrapõe, independente do meu desejo pela sua fuga, essa não é a opção para quando temos um deidade em casa, mas, sim, o da acolhida. O deus continua a pedir.

Pede bife a parmeggiana. Abro a geladeira e lá está o bife à minha espera, mas não quero dar-lhe, o preparo foi feito para mim. Pi-pi-pi...Pi-pi-pi... 30 segundos. Pronto. Ressonno. A vontade não impera sobre o desejo de abrir os olhos. Mão no rosto, areia acumulada nos cantos, ele esteve aqui. Para o gato, frango.

TOURO VERMELHO

Jaque Leal

Senti o cheiro das queimadas ao longe, como de costume desta época. Foi a sensação do calor que me confirmou que aquela confusão poderia acontecer. Sempre me sinto incontrolável neste período do ano. Meu couro fervia nas costas e minha cabeça quente parecia não suportar mais o peso dos meus chifres. Não tenho dúvidas de que naquele momento em que o fato ocorreu, era o auge de tudo: do verão, do sol a pino e do fogo dos meus instintos. Eu lembro que o sangue fervia e meus olhos incharam até eu acreditar que saltariam do meu crânio. Com certeza, se eu pudesse me ver refletido na água daquela lagoa, os veria vermelhos como a cor da tinta das cercas de madeira que me cercava. De repente, cedi totalmente à loucura. O cheiro daquele touro velho que sempre está ali, pacientemente esperando pela morte, se tornou igualmente insuportável e o mirei como meu alvo. Corri pesadamente em sua direção e quis acabar logo com sua vida, mas no fundo, queria que ele tivesse mais força para acabar com a minha e exterminar aquele tormento. Quanto mais eu batia em seu corpo, sentindo a dureza dos meus ossos se afundando em sua carne, mais acreditava que eu poderia acabar com a minha loucura. Aí por diante

Fonoaudiólogo clínico infantil em Criciúma/SC. Escritor infantil e cronista, membro da ALBSC e mestrando em Saúde Coletiva pela UNESC. Siga: @dr.geovanekubiaki.

não lembro de mais nada, a não ser do som das coisas: das nossas cabeçadas, dos ossos rangendo, do vento das nossas quedas, da terra se afundando com o peso dos nossos corpos pesados e os estralos das cercas vermelhas que quebramos. Naquele verão, é certo, teve queimadas, mas o resto eu não sei se foi um sonho, se enlouqueci ou se morri.

Nascida no oeste catarinense. Artista, especialista em arteterapia, pós-graduanda em Psicologia Analítica Junguiana e facilitadora de grupos. Contato: @jaque.leal.arteterapia



CAPÍTULO 4



acontece no sonho.

não está

mas naquela
camada mais densa
tão fina

Queria
o sonho
que revela
que grita

Queria
um sonho

Qual véu
sutil
abafa os ecos
que ressoam

Somente fino
para tocar bruto.

Ator, músico e produtor cultural. Cofundador do Grupo Cirandela, onde pesquisa o atravessamento da música com outras linguagens. Contato: @brunoandradis

ALMA NA VIDRAÇA

Susete Roveda

Extraviei meus sonhos
Alma na vidraça
Andei por tantos caminhos
Tantas cidades

Culturas diferentes
Que me perdi de mim
Sem saber de onde pertença

Qual meu lugar?
Partes espalhadas em sonhos

Adormeci deitada
O sonho me leva
Em viagens estranhas
Gente diferente
Situações complicadas

Fuga. Mistérios
Encontro com o passado
E um barulho estridente
Me tira o sono
Me rouba o sonho
Simplesmente tudo evapora

Sonhei um sonho sonhado
Flutuei de repente
Corpo para cima
Angústia para tocar o chão
Que força é essa?

Arte Educadora, Ed. Ambiental, Gestão e Metodologia de Ensino,
Produtora Cultural, Poetiza e membro do Grupo Imigrantes
Della Montagna. Facebook: Roveda Susi.

UM SONHO REAL

Maria Aparecida Bitencourt

Depois de alguma resistência, Narcisa aceitou embarcar naquele sonho que não era seu, era de Dolores. Era Dolores que sonhava com terras distantes. Foram para Europa.

Numa madrugada de outono, embarcaram num táxi frio, impessoal, impessoal como um táxi. Foram para o aeroporto, onde juntariam-se a um grupo com o mesmo destino, talvez um sonho.

Dolores feliz, tudo nela naquele momento era sonho. Olharam para cima, Dolores acenando para sua mãe na sacada, feliz sonhando o sonho da filha. Seguiram. Dolores olhou para Narcisa e surpreendeu-se com as lágrimas que vertiam dos seus olhos. Dolores sentiu um calafrio a percorrer-lhe o corpo, e como um “fade out” entre uma cena e outra de um filme, despertou. E esta mesma cena viria outras vezes trazer Dolores à realidade.

Então, chegaram à Florença - a terra distante: céu azul, clima primaveril, a biblioteca, o mercado da palha, Davi, ... e Dolores tão só. Tudo era perfeito para fotografias, mas Dolores não estava.

E ali à beira do Rio Arno, Dolores olhou para baixo e viu umas pedrinhas brancas, entremeio aos amores-perfeitos que decoravam sua margem; quando dentre elas, sobressaiu uma em forma de coração. Dolores pegou a pedrinha e deu pra uma das integrantes do grupo de viagem, que estavam ali por perto, que a olhou como se não visse, sorriu pela metade e saiu. Dolores novamente ficou...

Quanta angústia! onde estariam todos que não estavam mais ali?

E Narcisa, sua amiga, onde estaria?

Será que contemplando-se nas águas do Rio Arno? E as terras distantes, iam ficando cada vez mais distantes.

Chegaram em terras Lusas, Dolores, esperançosa de tudo mudar, necessitava às terras distantes vislumbrar.

Porém tudo agora era sem cor, já não via mais nada nem ninguém. Onde estavam todos? Onde estava Narcisa, além dela mesma? Foram ao Beco da Caridade, ao Mosteiro de São Jerônimo, à Torre de Belém, de onde vislumbrou-se tantas vezes terras distantes... seria preciso narrar tudo e mais, mas os sonhos são breves. Dolores regressou só, despertou, despediu-se sem saudades!

Professora de Língua Inglesa, responsável pela Biblioteca escolar no desenvolvimento de projetos de leitura em Içara/SC.
Contato: ninasc123@hotmail.com



A VIDA SONHADA NO SONO COM SONHOS

Elisa Terezinha Kasczeszen

Uma noite trivial como as já vividas, dormidas sem muita ambição, mas sempre cheia de expectativas. Asile se prepara para outra noite ritualizar o ritual de rotina robotizada. Determinada, disposta, disponível, animada. Bem ligeira nos passos, segue rumo ao primeiro encontro: o banheiro, para lá fazer tudo o que todo mundo faz nessa área. Depois segue ao segundo encontro: no quarto em cima da cama. Sentada em posição de relaxamento total, como morto - o corpo. Fecha os olhos e abre o coração para fazer três respirações lentas, profundas e conscientes.

Segundo a especialista especializada e notável, doutora em sono e sonhos, prescreve algo natural, real e infalível. Sim, uma espécie de reflexão para se ter um sono bem tranquilo. Palavras ditas com propriedade, vivências mescladas com a expertise de profissional apaixonada na arte de fazer as pessoas dormir e sonhar sonhos excepcionais.

Se pronta ou não, lá foi ela. Para onde, somente o coração e a alma tem poder de revelar e relatar o mundo interior. Bem no auge de tudo isso, Asile parece estar fora do seu corpo. Neste momento tudo começa a ficar melhor. Ela vê e se vê nessas imagens bem familiares que lhe fizeram paralisar sem ficar imóvel. São aparições

realistas. Lá estava ela, na calçada do jardim de sua casa, com uma criança pequena no colo, mais outra criança um pouco maiorzinha do lado direito e mais outras duas pessoas adultas do lado esquerdo de frente para a igreja de Nossa Senhora Aparecida, onde apenas a rua separava da intenção de ir à igreja. Ainda no jardim, a um passo à frente para abrir o portão de acesso à rua., a menina maior, criança serelepe, sai aos pulos e some bem a sua frente, sem deixar rastros. Feito ar. Sem saber o que e como agir, Asile agarra com força o bebê entre meus braços e dá um stop no corpo inteiro. Assim, sem condições de seguir. Uma voz interna grita sussurrado: Aja!

Saio de mim e entro na cena. Totalmente confusa, alucinada, meus olhos velados, cegos, arregalados. Nada e tudo é imenso, vazio funesto. Fito, feito flecha lançada a encontrar o corpo da criança estendido sobre a pedra sólida, pesada em formato de travesseiro. O tombo de tão forte, como derruba, faz levantar. Meus olhos acompanham focados no estado do corpo, sentado agora no fundo do buraco. Fala: Está tudo certo! Estou bem viva. Porém, não tinha a menor noção do galo monstro instalado no seu cucuruco. Ao levantar-se da posição sentada, vê a escada do seu lado esquerdo, toda de travesseiro. Mas são pedras colocadas estrategicamente. O que vejo, não vejo. Vejo pedra, travesseiro. Vezes parece ser pedra e outra vez travesseiro. E isso vai, vai e chega até o jardim. Desse jeito vai até o outro lado da rua, na porta da igreja. Não consigo descrever o curso do trajeto realizado. Só sei que estamos dentro da igreja lotada de fiéis que ocupam todos, repito: todos os lugares assentados. Nas laterais mais e mais gentes enfileiradas não dando para enxergar o fim. Nem consigo respirar de tantas gentes. Preocupada com a situação de não espaço. Apertados entre as pessoas sentadas e entre pessoas em pé nas laterais alcançamos a saída. Pasma! A fila cá fora, do mesmo jeito que lá dentro. Isso afeta o mental da gente! Gente, muitas gentes

enfileiradas, encostadas na parede da igreja para a todo custo chegar ao confessionário.

Nesse exato momento, ao olhar para além daquele tanto de gente, meus olhos olham a figura humana menos cobiçada para o momento. Isso fica só comigo. Atrás dele, uma caminhonete carregada de lenha pronta para abastecer um fogão - aceso por anos.

Com tantos exageros exagerados e fora do texto, mas dentro do contexto ilusório, irreal e inconsciente. Por questões biológico fisiológicas seu corpo rompe do sono e do sonho. Sem mimimis. Levanta num pulo e corre em direção ao banheiro.

Professora, Pedagoga, vive as letras. Escreve diferentes gêneros textuais e manifesta emoções com o som do coração.
Contato @elisakasczeszen

NA FILA DOS SONHOS

Thiago Ávila

A sala fria, iluminada por luzes brancas, com paredes e piso claros, amplificava a sensação de um espaço vasto e impessoal. O ambiente era amplo e aberto, sem divisórias, criando um cenário onde as pessoas se moviam de um lado para o outro, carregando nos rostos expressões de cansaço e ansiedade. Eu estava lá — o terceiro da fila — aliviado por não ser o primeiro e nem o último. À minha frente, havia três pessoas que, assim como eu, seguravam nas mãos seus sonhos transcritos para o papel. “Será que hoje meu sonho será o vencedor?” - pensei.

Uma mesa de escritório simples e uma cadeira de rodinhas aguardavam o próximo participante. Sentado ali estava ele, vestido de maneira casual, com calça de sarja e sapatênis. Sua expressão era de uma alegria ensaiada, um otimismo que contrastava com o clima geral de frieza. Chegando minha vez, estiquei os braços, entregando o sonho para sua avaliação. Foi então que percebi algo perturbador: seu sorriso parecia ocultar intenções sombrias. Seus olhos refletiam um vazio inquietante, como se estivessem contemplando algo muito além do momento presente. Um calafrio percorreu meu corpo, arrepiando cada fio de cabelo da minha nuca.

Por um instante, senti meu coração bater mais rápido, como se tentasse avisar de um perigo que minha mente ainda não conseguia compreender. A sala ao meu redor pareceu se fechar, as luzes brancas se tornaram opressivas, e o ar ficou mais pesado. O silêncio se estendeu, e pude ouvir minha própria respiração, lenta e irregular. Tudo ao meu redor parecia se mover em câmera lenta, e eu me perguntei se os outros sentiam a mesma inquietação ou se era apenas eu, capturado naquele olhar vazio e profundo do gerente.

De repente, senti uma necessidade urgente de sair dali. Minha mão ainda tremia levemente quando soltei o papel. Sem esperar sua reação, virei-me rapidamente e caminhei até o elevador. Apertei o botão com mais força do que o necessário, desejando desesperadamente que as portas se abrissem imediatamente. Olhei ao redor e senti o olhar do gerente ainda fixo em mim, como se pudesse sentir minha intenção de fuga.

As portas finalmente se abriram, e eu entrei apressado, pressionando repetidamente o botão para fechá-las. O silêncio dentro do elevador era diferente, quase acolhedor, mas meu coração ainda batia forte. O ar parecia mais denso, cada respiração uma luta para manter a calma.

Enquanto o elevador descia lentamente, tentei ordenar meus pensamentos, mas eles se atropelavam. “Qual será o próximo sonho que precisarei sonhar?” - pensei, sentindo um misto de ansiedade e exaustão. A expectativa de criar algo novo, algo melhor, pairava sobre mim como uma sombra pesada. A pressão para ser criativo, para produzir algo que pudesse impressionar naquela competição absurda, se misturava a um sentimento de desespero crescente.

A porta do elevador se abriu, finalmente, mas eu não me movi. Fiquei ali parado por um momento, respirando fundo, tentando reunir forças para enfrentar o que quer que viesse a seguir, porque sabia que, no fundo, aquela

sensação inquietante não era apenas sobre o gerente ou sobre a competição. Era sobre mim, sobre a necessidade incessante de buscar algo além dos meus próprios sonhos, algo que desse sentido a essa busca interminável.

Fechei os olhos por um segundo e prometi a mim mesmo que encontraria um jeito de sair daquele ciclo. Mas até lá, eu precisava continuar... só mais um sonho.

Empresario e gestor de projetos. Apaixonado pelas correlações entre psicologia, neurociência e espiritualidade, e como eles nos impactam. Contato: thiagoligeiro@gmail.com



CAPÍTULO 5

ENTRE LINHAS E SENTIMENTOS - UMA CARTA EM VERSOS

Valcária Lana de Souza

Querida irmã, Valcilene!

Hoje eu mergulhei nas profundezas do sono e me vi em um sonho que parecia tão real, como se minha alma vagasse por planos desconhecidos em busca de respostas. Nas asas do tempo e nas linhas do destino, busco ecoar minhas palavras até onde tua essência reside além dos nossos olhos terrenos. Hoje carrego nos meus lábios a notícia que sei que traria sorrisos aos teus lábios, celestiais: seremos avós de meninas, seres de luz e ternura para iluminar nossas vidas como um sussurro do Universo.

A melodia da saudade ecoa em meu coração, como um eco distante que me lembra da tua presença suave e acolhedora. Em cada preparativo para a chegada dessas pequenas bênçãos, sinto a falta da tua sabedoria e do teu toque de amor. Mas sei que, de alguma forma, estás presente, guiando-nos com tua luz eterna.

Queria tanto poder compartilhar contigo esta revelação, querida irmã. Saber que seremos vovós de meninas preenche meu coração de uma alegria indescritível, mas também me faz desejar tua presença ao meu lado, para juntas celebrarmos essa dádiva que nos foi concedida.

Que os ventos do cosmos levem minhas palavras até onde tua essência repousa suave como uma borboleta, levando contigo a notícia de que novas vidas estão a caminho, trazendo consigo o brilho e a pureza que só a inocência de uma criança pode oferecer para além da nossa ancestralidade.

Que cada estrela no céu seja um reflexo do nosso amor entrelaçado, guiando essas meninas em sua jornada terrena e iluminando teu caminho na eternidade. Que sintas, de alguma forma, o calor do meu abraço e a vibração da nossa cumplicidade além das fronteiras do tangível.

Ao acordar, a lembrança me alcançou como uma brisa suave que toca minha pele, trazendo consigo a certeza de um novo capítulo se abrindo em nossa jornada. Me pego escrevendo estas palavras com um misto de ansiedade e esperança, como se cada letra traçada neste papel fosse um elo entre nossas almas, transcendendo barreiras de tempo e espaço.

É com esse escrito da carta no meu diário que se coloca a saudade que transborda em poesia no acolher do meu sonho.

Com amor eterno, Valcária

Pedagoga especialista em Alfabetização Psicopedagogia Clínica Institucional. Escritora, palestrante e contadora de histórias.
Contato:@valcirialana

ALMAS GÊMEAS

Sonia Vigarani

Dividiram a mesma barriga, respiraram juntinhas, lado a lado
Alimentaram-se da mesma placenta, após 09 meses de gestação
Para alegria de muitos, a este plano terreno chegaram.

Ensejo para privilegiados, por Deus, poucos escolhidos
pela mãe muito amadas, pelas duas, um sonho vivido
Entre os dias quatro de agosto de 1966 e
trinta de julho do ano de 2013, suas vidas, compartilharam.

Tiveram semelhantes desejos, alcançaram diferentes conquistas
Colheram inúmeras flores, sentiram os mesmos perfumes
Respiraram muitas paixões, brilharam em distintas cores.

Porém um dia, quis o destino por capricho, que o Céu então
recebesse uma parte desta luz, chamando uma delas
para lá brilhar, e, com sua luz gemelar, por onze anos lá está.

Porém, essa chama de tão intensa, por aqui também ilumina
e compartilha sua luz neste plano terreno, com sua cara metade
uma união Divina entre o Céu e a terra, complexidade, força,
brilho.

Iluminando aqui e lá, e unindo para sempre, almas gêmeas
cada qual, buscando por diferentes caminhos, intuindo, ambas
uma forma de manter o brilho, a luz eterna acesa e iluminando
A chama do encontro gemelar, única e imortal.

Numa noite de inverno de 2024, Sônia e Simonia se encontram
no mundo dos sonhos.

De frente uma para outra, ao lado uma vela com uma chama
impar anunciava o encontro. caminharam então para um
saudoso abraço, determinado pelo tempo da chama acesa.
Junto a chama, uma voz sussurrava: escreve, escreve. Depois
nunca mais!

Psicóloga, Arteterapeuta, atuando na área social com famílias
e indivíduos que estejam vivenciando situação de violação de
direitos. Contato: vigarani04@gmail.com

CARTEMA

Biana Lauda

Querido pai
Venho neste cartema te contar
Algo que ainda hoje vem e me tira o ar

“Cartema?”
- Me perguntarás -
“Que espécie de coisa é esta
Minha filha
Poderias me falar?”

Vamos pai
Sei que vais adivinhar
É uma nova espécie de contar
Uma carta-poema
Em que a alma brinca em versos
Aquilo que quer falar

O que quero te contar
Talvez não possas acreditar
Mas em verdade aconteceu
Dentro e fora
Numa espécie de “não lugar”

Foi como num salto súbito
- Assim como o dos elétrons
De uma camada a outra do átomo -
Que me desloquei quanticamente
Pra este reino interestelar

Eu estava na beira de um novo mundo
Olhando, deslumbrada
A lua assim bem perto
Enfeitiçada por sua luz envolvente
Tão sutil e tão potente

Em volta dela
Magnetizadas por seu canto
De sereia cósmica
Voavam bruxas dançantes
Numa espécie de rito flutuante

Então chegou silencioso
Seren e cauteloso
O rei de tal lugar
Disse que eu podia descer com ele
Ao templo sagrado
Podes acreditar?

Não sabia o que esperar
Quanto mais descia
Mais escuro e misterioso
Se fazia o templo interestelar

Do fundo da escuridão
Senti brotar um chamado inebriante
Ouvi com firmeza uma voz sussurrante:
Osíris! Osíris! Osíris!

Era o reino da morte e da vida

Querido pai
Reino remoto
Um pouco perto, um pouco longe
Onde ainda hoje posso te encontrar.

INÍCIO DE UMA DESPEDIDA

Josane Portelinha

Para Wagner,

Oi amigo, estive pensando em você... e gostaria de te contar (sobre) o tempo, o relógio, as horas e a vida. Era uma manhã de sexta-feira, que amanheceu com o poder do sol, aquele de aquecer a terra e os corações. Um leve vento soprava uma brisa suave, deixando no ar o perfume das orquídeas que moram em algumas árvores por aqui. Esse perfume, que somente as orquídeas olhos de bonecas podem exalar, inundava o ar!

Nesta manhã me dei conta de que o relógio não para no minuto. Meu pai que contava 79 anos, vivendo com moderado Parkinson, haveria de ir ao médico. O relógio marcava 14:30hs. Um relógio que compramos numa visita a Astorga, na Espanha, onde uns casais de maragatos (um traje típico espanhol) dançavam, ao som que o relógio tocava, muito bonito por sinal, as crianças que vão em nossa casa, se encantam, pois a cada hora o cuco sai de sua casinha e anuncia a hora com seu piar.

Me percebo falando do tempo, pois o relógio nos mostra como a vida passa, assim como o tempo e a hora. Quanta divagação com o relógio, mas penso como a nossa vida é linear e parece uma flecha lançada para frente, pois nosso destino é sermos divinos!

Saio de casa em direção à casa de meus pais. Vem minha mãe e meu pai, prontos para seguirmos para a consulta. Conversamos sobre o dia, de como está bonito.

Chegamos no consultório, eu e minha mãe seguramos seus braços para apoiá-lo. O médico já está na porta nos aguardando, e quando entramos, meu pai quase cai, e senta-se na escadinha de metal, usada para subir até a

Psicóloga clínica junguiana. Analista Junguiana em formação.
Artista com incursões em escrita, música e teatro. Terapeuta de
Yoga Massagem Ayurvédica. Contato: @bianalauda.psi

maca.

O médico olha para meu pai e dirige-lhe a palavra, perguntando se ele estava pronto para tomar a injeção?

Eu olho atônita para o médico, sem entender nada. Neste momento, sinto algo estranho. Olho para meu pai. Ele me olha com afago nos olhos e diz que sim, que ele já viveu muito e quer tomar a injeção!

Eu me abaixo até ele e o abraço com tamanha força e choro, de modo me surpreender com sua tranquilidade.

Reflico muito e tenho a certeza que não somos donos do tempo e naquele momento que o sol estava também se recolhendo, fico quieta, imersa em meus pensamentos e na decisão que meu pai queria tomar com relação à sua vida.

Ele desencarna no dia 12 de maio de 2020, as 18:36.

No outro dia, pela manhã fomos até o crematório, ficamos guardando seu corpo por um tempo, e ele parecia tranquilo, em paz.

Fizemos uma cerimônia linda com as cinzas na cachoeira, levamos as cinzas com 5 rosas brancas.

Incrível o que é a vida, veja só: colocamos as cinzas e as rosas na água, uma desceu e as outras 4 rosas permaneceram unidas e formavam um círculo na nossa frente, como um redemoinho, assim que terminamos de colocar toda a cinza, as 4 rosas desceram a cachoeira, como que cuidando dessas cinzas para que possa chegar com segurança no grande mar.

Também poder entender que tudo tem sua hora, seu minuto e seu segundo, assim como seu tempo e que não decidimos nada com relação à nossa passagem.

Psicóloga clínica, especialista em Psicologia Analítica, Analista Junguiana em formação pelo IJUSC, amante da natureza e suas expressões. Contato: josaneportelina@gmail.com

CARTA AO MEU IRMÃO

Joanna Oliari Macoppi

Para Rômulo Oliari Macoppi (irmão encantado)

Oi Rô, como você está?

Quero acreditar que de alguma forma bem.

Depois que você voou muita coisa aconteceu por aqui.

Boas, nem tão boas, ruins e muito ruins também.

Tenho andado esquisita, meio morta, meio viva.

Deves ter percebido que estou mais ambígua do que nunca.

Por muito tempo me perguntei se te fiz algo para que tomasses uma decisão tão radical.

Mas minha terapeuta tem feito um trabalho incansável para que eu “tome conta da minha vida” e pare de me culpabilizar por aquilo que ninguém tem culpa.

Fiz várias tatuagens em sua homenagem e te encontro em muitos por aí.

Quando não você, aparece uma Bianca (nossa irmã e sua gêmea) pelo caminho, ou gêmeos, gêmeas. São muitas memórias, tudo virou gatilho! Tenho vivido de nostalgia.

Uns meses atrás, mano, vivi um pesadelo. Desinteressei-me pela vida. Olhava para o horizonte e pensava: não há mais nada que eu queira daqui!

Lembrei tanto de ti. De como deves ter te sentido.

Queria tanto ter o poder de ter feito algo. Mas não tive.

Então, fui salva pelos amigos, pelos amores, pela arte.

Comecei a tomar uns remédinhos também e aqui estou.

Não a mesma de antes, mas já sinto o cheiro da primavera.

Voltei a trabalhar. Entro e saio sempre diferente. Minha mente anda cheia de novo, parece que o diabo deverá procurar outro local pra montar sua oficina.

Caminho nos corredores do meu espaço de trabalho, já tão conhecidos por mim, por nós...o passado e o futuro se misturam, eu me misturo. Essa escola deixou marcas na gente.

Você diria que sou dramática, ou me alertaria pra não me deixar tomar pelas preocupações que isso poderia me causar. Mas, sabe o que mais? Acho que na real, depois de tudo, depois de tanto, você se surpreenderia com quem tenho me tornado. Nem para o bem, nem para o mal, só se surpreenderia mesmo.

Eu, a mãe e a Bi, creio que a Ju e a Bru também, adotamos o “um dia de cada vez”.

Esquecemos como se sonha. E colorir as horas tem sido um desafio pra cada uma em particular. Você faz uma falta que não tem tamanho. E por falar em tamanho, estes dias algo grande aconteceu, entrei no prédio do meu trabalho e cada espaço tornava-se maior. A cada passo que eu dava, ora o lugar era empresa, ora floricultura, ora escola. Eu batia o ponto, passava a catraca, usava crachá, falava com as pessoas. O lugar porém, dilatava. Dilatou tanto que se transformou num lugar sombrio e gelado. Havia pessoas mortas por todos os lados, lembrava um necrotério. Recordo que na adolescência, fizemos uma viagem de estudos até uma Universidade que tinha um necrotério, e lembro-me que eu tive pavor de permanecer lá dentro, pelo horror que eu tinha da morte, pelo espanto ao olhar aqueles cadáveres, e pelo cheiro que compunha aquele lugar. Tudo parecia me ferir de alguma forma, meus olhos ardiam. Te digo que eu tentava sair dali, mas me vi presa, com medo, aterrorizada. Quando por fim encontrei uma porta, atravessei rapidamente tentando me “salvar”. Deparei-me com crianças mortas e percebi que quanto mais eu procurava escapar, mais cruel a situação

se apresentava. Até que fui parar num berçário de bebês sem vida. Eu já não tinha mais fôlego pra tanto, até que avistei uma saída. De fora, era o mesmo prédio que entrei para trabalhar, mas por dentro um lugar que não quero mais voltar. Despeço-me nessa confusão mental, e aguardo ansiosa por tua carta.

Te amo infinito e além.

Tua irmã Joanna

Artista, Pesquisadora, Professora, Mestre em Teatro,
Arteterapeuta e mãe da Lolla. E-mail: joliari@gmail.com

ENTRE ÁGUAS E SAUDADES

Natália Maria Antunes

Para Giulia,

Quanto tempo, minha estimada amiga. Já se passou 6 anos, muitas coisas aconteceram: a maternidade que bateu à tua porta, a língua portuguesa que já não habita tão constantemente o teu falar. Do lado de cá, os segundos que passaram foram os mesmos, mas de fatos grandiosos posso dizer que aprendi a falar espanhol e o italiano segue ainda na lista. Tenho agora uma profissão que seguiu por rumos distintos do que os sonhados naquela época da faculdade. Digo-te sempre que o aroma de um Lambrusco toma os meus sentidos, me recordo de ti.

Minha mãe também sempre pergunta de ti... ah, e falando nela, te conto que aqui no sul do Brasil temos vividas situações de intensos eventos climáticos. Dia destes, viajei para visitar meus pais e caiu uma tormenta, uma puta chuva, xacramenta! Eu olhava para o céu e não havia mais espaço para a formação de novas nuvens – uma camada se sobrepunha à outra, o vento as levava e trazia outras de um outro lugar. A chuva era tamanha que levou embora o pluviômetro presente no quintal. Nós não podíamos mais contabilizar a chuva através do milímetros. Então passamos a tentar estimar tal dado por meio dos danos: se formou uma voçoroca, a água corria em vários valos ao longo da lavoura ao lado de casa. A minha mãe dizia que nunca tinha visto isso nos seus sessenta e sete anos de existência, que dirá eu nos meus vinte e oito. O afluente do Rio Alegre levou consigo as bananeiras da margem, derrubou troncos, fez rachar eucaliptos e eu sentia aquele perfume de eucalipto no meio da chuva e desta vez não era para curar a tosse.

A chuva não cessou por dias, Giulia.

O momento mais difícil foi quando percebemos que teríamos que deixar a casa. Não se via mais aquela estrada contornada de ipês, arazás e araucárias. Tudo era de um cinza de chuva e um vermelho de barro.

Minha mãe desesperada, gritava. Eu tinha no peito uma apreensão. Não havia um fogão para fazer uma cruz de sal ou de erva-mate. Aceleramos o passo, minha mãe andando com muita dificuldade, sentindo que os joelhos emperravam, ainda que houvesse água, suas articulações estavam secas, tamanha rigidez que teve de ter ao longo de sua vida para sustentar um lar nos seus quatro cantos.

Giulia, te recordas das belas águas da Guarda do Embaú? Te conto que a água também sabe ser feia. Neste dia, vimos que a água estava tomando nossa casa, se acumulando no canteiro de mini-rosas, todas com seus botões desfalecidos de tanta umidade, pendendo com o peso das gotas e da podridão...

Eu peguei no braço de minha mãe e saímos caminhando, um aperto no peito sentido através de pontadas pontiagudas que punham uma quase despedida. Eu sustentava minha mãe com o apoio do braço e rebatia a sua fala de que não conseguiríamos cruzar a pequena passagem que ainda nos restava por sobre o rio. Na minha cabeça, eu duvidava se seria capaz de pular na água e conseguir nadar, caso fosse necessário para retirar minha mãe.

Giulia, nem te contei, mas seguramente te recordas do meu medo de água lá na Guarda... podemos contar nosso tempo longe uma da outra por meio das braçadas que agora eu sei dar. Ainda que neste dia eu desejasse que não fosse necessário. Abracei minha mãe, sentindo ali todo o peso de uma maternidade reversa, sabendo que haveria chão, que haveria braço, que haveria afago, ainda que úmido, caso isso fosse necessário. Conseguimos cruzar o rio com tremenda dificuldade. Chovia torrencialmente, mal se enxergava onde poderíamos pisar.

Se tem uma coisa que eu aprendi nessa vida, minha querida amiga, é que a gente caminha às vezes sem enxergar onde está colocando os pés, mas são os músculos das pernas que guiam para o caminho certo. Os músculos e os ossos, sempre. A estrutura está dentro da gente, ainda que esteja tudo aguado e escuro do lado de fora.

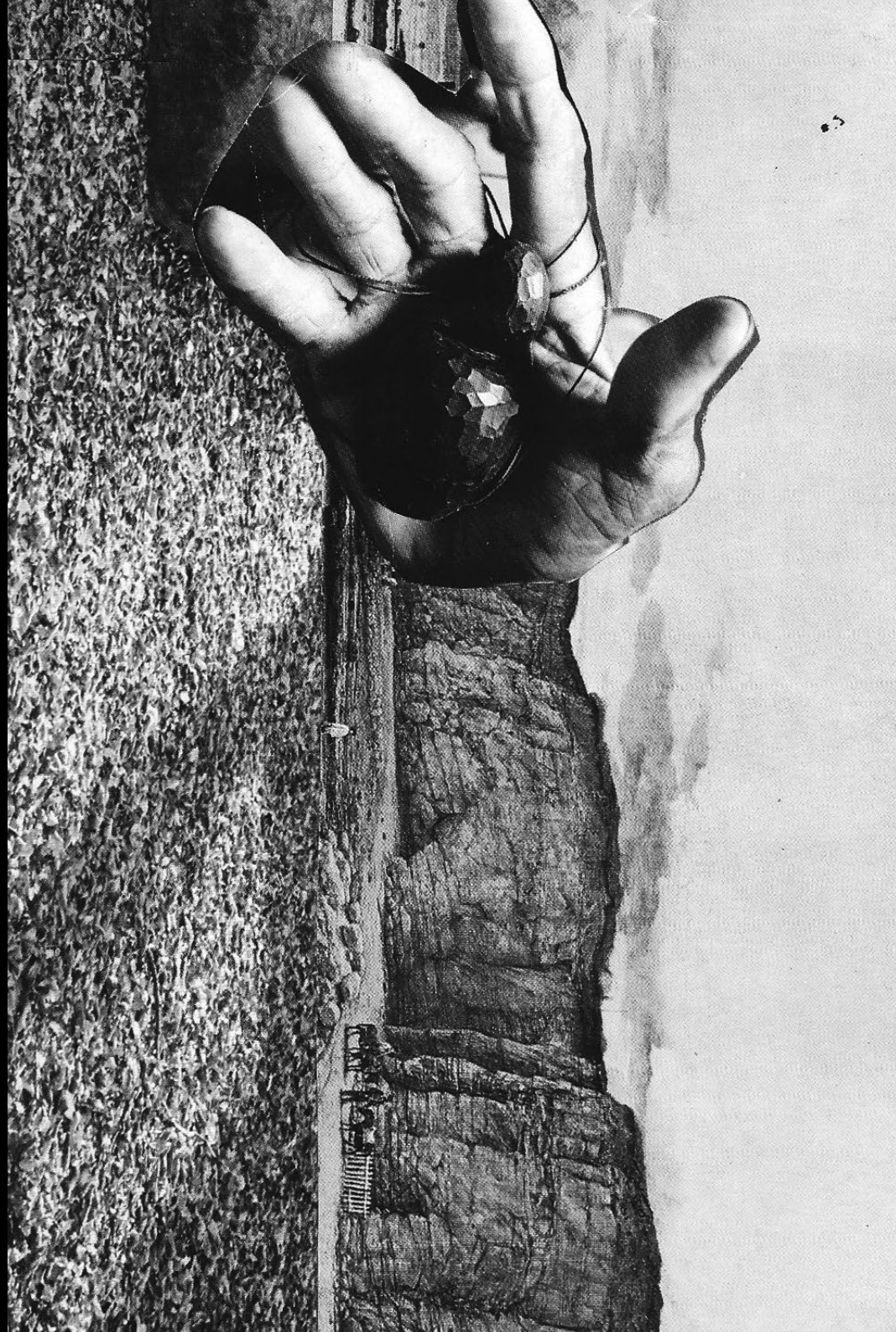
Giulia, te conto tudo isso com imensurável carinho e uma saudade da nossa amizade.

Espero notícias suas e de la tua bela piccola figlia, te amo.

Engenheira agrônoma, especialista em agroecologia. Apaixonada por plantas, pássaros e cigarras, encontra na palavra a mais plena expressão da poesia. Contato: @liaa_luaa



CAPÍTULO 6



FLORES DO ASFALTO

Lígia Linhares

Já era tarde. Sophia voltava do seu infeliz trabalho contemplando a paisagem escura da janela lateral do velho ônibus de linha, na periferia da grande cidade em que nasceu e foi criada. Ela fitava alguns pontos de luz brilhando no escuro onde mais nada podia ser visto. Racionalmente sabia que eram luzes das casas espalhadas pelo caminho, mas gostava de imaginar que eram estrelas brilhando também aqui embaixo. Nunca se conformou com a ideia de que elas existissem somente no céu, tão longe do seu alcance.

Nessa noite, presenciou um evento que a fez comprovar o que até então parecia delírio. Conheceu uma estrela na terra, tão brilhante, mas tão brilhante, que foi capaz de irradiar luz e clarear a escuridão que jazia em seu peito. Era o Sr. Alfredo, aquele que com suas palavras de sabedoria e amor fez brilhar e transbordar novamente os olhos e o coração de Sophia.

Um encontro. Um encontro muda tudo.

Ele era um sábio curandeiro da região, conhecido por conversar com os anjos e, por intermédio deles, curar quem com fé o buscasse. O som de sua reza ecoava com alguma parte de Sophia, com algum lugar onde ainda existia esperança e sentido. Já no primeiro encontro permaneceu algumas horas em sua presença, ouvindo atentamente as sabedorias de vida do ancião. Sr. Alfredo parecia incansável e ela também não se cansou e nem viu as horas escorrerem. Sentia como se os nós de suas dores fossem desfeitos, um a um.

Ouvindo-o, deu-se conta do que havia feito de sua vida, de como foi convencida pelo sistema e vendeu sua alma para a narrativa de que viver estava relacionado a quantidade de tempo que passava empregando sua força vital em nome de um sucesso material que nunca chegava. Muito pelo contrário, era a morte que chegava. Essa sim chegou depressa para seu pai, um caminhoneiro que morreu num acidente a caminho do trabalho, logo no início da vida de Sophia. A morte também chegou depressa para sua mãe, há alguns anos, numa fria manhã de domingo, depois de uma árdua luta contra o câncer.

Mas agora tinha o Sr. Alfredo e sua presença passou a ser uma constante em sua vida. Com ele, experimentava uma nova sensação, a de finalmente estar em casa. Desde então, sempre que tinha um tempo, ela ia caminhando feliz encontrá-lo em sua casinha simples de tijolos à mostra, localizada ao pé do grande Morro da Viúva. Foi assim por dois anos.

No terceiro ano, algo aconteceu.

Era uma sexta-feira de manhã e Sophia cumpria seu ritual dos dias de folga do trabalho, caminhar até a casa de Sr. Alfredo contando as flores que desabrocharam nas rachaduras do asfalto. Naquele dia, se deu conta que era, ela mesma, uma flor do asfalto. As dores da vida tentaram abafar sua potência de desabrochar, mas enfim ela estava descobrindo que suas raízes são fortes, capazes de oferecer força e nutrição para que ela ultrapasse qualquer dificuldade.

Chegando lá, encontrou o velho sábio já na calçada, de saída. Esse era o único momento do ano em que Sr. Alfredo precisava sair de casa, para ir até o INSS, no centro da cidade, provar que ainda respirava e que por isso poderia continuar recebendo seu benefício. Sophia não pensou duas vezes e decidiu acompanhá-lo.

No caminho, observava encantada como a expressão física e facial das pessoas mudava para melhor na

presença de Sr. Alfredo e o quanto ele estava disponível, a todo momento, para resolver as questões dos que o atravessavam. Sophia percebeu que ele sempre ajudava quem tinha fé a encontrar atalhos nos tortuosos caminhos da vida, assim como fez com ela. Era como se, para quem estava na companhia do Sr. Alfredo, o Sol brilhasse mais forte.

Apesar da idade, ele tinha um passo rápido e por três vezes Sophia se distraiu e o perdeu de vista. Na primeira, encontrou-o dando conselhos para as dores de amor do açougueiro. Na segunda, segurando um galho de arruda e rezando de quebranto o filho da dona do mercadinho. Na terceira, por mais que buscasse, não conseguia encontrá-lo. Num momento ele estava aqui, em outro não estava mais.

Sophia estava confusa quando de repente, um som estrondoso e seco no céu. Situações como essa eram comuns na comunidade, mas dessa vez o coração de Sophia disparou, quase saindo pela boca. Ela estava em choque. As pernas tremiam, mas mesmo assim arranhou forças para correr, desajeitadamente, pelas ruas do centro. Foi então que de longe avistou uma multidão. Sentiu um vento gelado atravessar sua coluna e uma sensação estranha revirar o estômago.

Era medo.

Muitas pessoas amontoadas, policiais andando a cavalo. Já era de tarde, o céu estava nublado, mas um singelo raio de sol atravessava as nuvens e os olhos de Sophia. Tudo ficou em silêncio. Ela ouvia apenas uma voz que saía de dentro dela, mas não era ela. Parecia a voz de um anjo, como aqueles que sempre conversavam com o Sr. Alfredo.

A voz dizia: “Até aqui você soube vir. Daqui para frente, seus passos não serão os mesmos. Você quer o encontrar? Siga os passos que ele trilhou”. Sophia então respirou fundo e pisou, suavemente, passo por passo,

se dirigindo para o meio da multidão reunida na praça principal.

O som era um misto de gritos, choro e revolta e tudo parecia estar em câmera lenta. Foi então que Sophia chegou ao centro da roda e lá estava ele, Sr. Alfredo, deitado no chão, com sangue jorrando e escorrendo pelas rachaduras do asfalto. A bala que estava perdida o encontrou. Ela se ajoelhou e o agarrou no colo, suando frio, sem saber o que fazer além de chorar copiosamente.

Ele, apesar de fraco, a olhava serenamente. A multidão se lamentava quando Sr. Alfredo, com os olhos embaçados, disse: “Minha menina, não te preocupa! Já não te encontrei todas aquelas outras vezes?! Fica tranquila, eu ei de te encontrar novamente.” E, reunindo suas últimas forças, rezou: “Eu te abençoo, mãe natureza é cura, com a força do Sol e das águas puras. Reze as pessoas desse jeito, minha filha, até seu último suspiro. Está feito.” E o sopro de vida abandonou seu corpo.

Um encontro. Um encontro muda tudo.

Sophia olhou pro céu e avistou uma estrela a mais e sentiu que, desse dia em diante, não seria mais a mesma... E não foi. O corpo de Sr. Alfredo lhe deixou, mas seu espírito de bondade permanecia com ela. Ela se tornou a nova benzedeira da região, e por mais de 50 anos, seguiu cuidando, curando e abençoando cada um que por ela atravessava, exatamente como o velho a instruiu. Até que o fôlego de vida também abandonou, suavemente, o corpo de Sophia e, em algum lugar além da nossa compreensão humana, ela avistou um raio de luz brilhante e ouviu a fala mansa de Sr. Alfredo.

Foi correndo lhe encontrar contando as flores no asfalto...

Astróloga, Designer e artista-educadora em formação. Costureira de sonhos, palavras e imagens. Contato: @ligiarlinhares



Anexo 1

Como iniciar o registro dos Sonhos

Comece anotando seus sonhos diariamente. Por mais que as imagens que permaneçam vivas em você ao acordar, pareçam simples ou cotidianas, anote. Aos poucos, à medida que você inicia esse 'acolhimento' das imagens, outras narrativas serão lembradas. O inconsciente possui uma capacidade inimaginável de produzir imagens. O sonho é uma via (ponte) para nosso inconsciente (pessoal e coletivo), uma espécie de GPS, onde podemos nos localizar. Se inicialmente não conseguir lembrar dos sonhos, ao acordar, anote uma palavra, um sentimento, uma imagem. Aos poucos, os sonhos serão lembrados. Escrever a partir dos estímulos dos sonhos tem como princípio implícito, a busca do desenvolvimento da capacidade de auto-observação e busca do pensamento poético advindo do modo particular de cada expressão onírica. Estabelecido a rotina de registrar os sonhos diariamente (ou imagens, sentimentos, etc), comece a perceber as recorrências nos sonhos: personagens e suas características, lugares, sentimentos, tramas, geografias. Perceba também se os sonhos tem um final ou se ficam em aberto. Por vezes encontramos um sonho que se desdobra em uma sequência, onde uma narrativa simbólica se estabelece em vários sonhos. James Hillman e Carl Gustav Jung nos alertam para ficarmos com a imagem. Lembre-se disso: procure a imagem central de cada sonho e comece a escrever a partir dela. Pergunte-se: sobre o que este sonho está falando? qual a trama? qual o drama?

quais dissonâncias ele apresenta? que personagens são contraditórios? Perceba-se nos sonhos. Onde eu estou no sonho? Imerso na trama ou observando? Dedique uma atenção especial aos personagens dos sonhos: suas personalidades, suas falas, , vestuário, seu comportamento e a frequência com que aparecem. Perceba também o que acontece com você durante o dia - aquilo que poderíamos chamar de entresonho. O que acontece entre um sonho e outro - o dia. Frequentemente durante o dia acontece um rebaixamento da consciência, e somos levados para outros lugares imagéticos, ou capturados para outros 'estados'. Então registre estes momentos e suas imagens. O estilo de escrita virá com o tempo, mas a sua estética particular se apresenta o tempo todo nos Sonhos. Lembre-se: seja fiel as imagens, registre todos os sonhos, mesmo os mais cotidianos e simples. A cartografia onírica também é comporta de fragmentos.

Anexo 2

Metodologia

1 - PARTE TEÓRICA:

- Explicação e leitura de obras literárias e simbólico-conceituais (descritas nas Referências Bibliográficas). A ministrante disponibiliza um vasto material de consulta em livros e revistas, e acompanha os grupos em seu exercício.

2 - ATIVIDADE DE ESCUTA E ESCRITA COLABORATIVA:

- As pessoas são dispostas na Matriz do Sonhar Social (cadeiras organizadas em formato estrelar, círculo ou semicírculo) e incentivadas a narrarem seus Sonhos em seus pequenos grupos. Os Sonhos são ouvidos, e a partir da primeira narração podem fazer livres associações (realistas ou poéticas). Cada pequeno grupo, depois que os Sonhos foram contados, ouvidos, e livremente associados aos conteúdos individuais das pessoas do grupo, começa a escrever uma narrativa única composta por elementos dos sonhos.

- Cada pequeno grupo, depois deste primeiro exercício, comunica para o grande grupo a narrativa construída, e compartilha a sequência da produção:

- Sonhos originais;
- Associações do grupo;
- Elementos e simbologias que estão

presentes no Sonho e no texto final;

- O texto final de cada pequeno grupo, é trocado entre os outros grupos (presencialmente ou online, a depender

do tempo). Cada grupo, com seu novo texto deverá produzir, a partir dele: uma prosa, um poema e um conto.

- O resultado de cada pequeno grupo é compartilhado no grupo maior.

- A partir do resultado das criações, o grupo maior tem a tarefa de comentar sobre as produções e decidir se altera algum material.

- Ao final, o resultado dos exercícios é revisado pelo grupo e pela ministrante.

AGRADECIMENTOS:

Agradeço a colaboração e apoio de todas as pessoas e instituições que de algum modo, contribuíram com este projeto: Associação Junguiana do Brasil, Instituto Junguiano de Santa Catarina, Eranos Círculo de Arte, Sesc/SC e Sesc Jaraguá do Sul, Casa da Cultura Dide Brandão e Fundação Cultural de Itajaí, Casa das Máquinas e Fundação Franklin Cascaes (Florianópolis), Museu Casa Sant'Anna (Canelinha), Fundação Cultural de Içara, Fundação Catarinense de Cultura, Prosa Cultural, Jô Fornari, Camila Gonçalves, Leandro Maman, Paulo Zwolinski, Bruno Andrade, Priscila Schaukosky, Caetano Gael Coelho de Maman, Arthur Ravi Coelho de Maman, Margarida de Branco, Carlos Serbena, Roque Tadeu Gui, Evelise Moraes, Jaqueline Dziubatey de Camargo, Maria Mogorim, Maju Pacheco, Kátia Nascimento, Édina Maria Calegaro e ainda aos participantes das oficinas literárias e aos coautores deste livro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ANDRADE, R.S. *Fellini, a lenda: o Sonho é a única realidade*. 2009. Disponível em: <https://repositorio.ispa.pt/entities/publication/7b7bbac4-51f9-416f-8bda-f9af6646db96>
- ARAGON, L. *Uma vaga de Sonhos*. São Paulo: 100/cabeças, 2024
- BARCELLOS, G. *O Irmão: Psicologia do Arquétipo Fraternal*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018
- BERADT, C. *Sonhos no Terceiro Reich: com o que sonhavam os alemães depois da ascensão de Hitler*. São Paulo: Três Estrelas, 2017
- BERRY, P. *Cadernos Junguianos*. Ed. AJB: São Paulo, 2007
- COELHO, S.R. *Poesia Onírica e Escritos Alquímicos*. Itajaí, SC: Ed. Eranos, 2014
- COUTO, J. G. *André Breton*. São Paulo: Brasiliense, 1984
- BORGES, J.L. *O Livro dos Sonhos*. São Paulo: Círculo do Livro, 1976
- BORGES, J.L., O'KUNGHITTONS, J. *Sobre os Sonhos e outros diálogos*. São Paulo: Hedra, 2009
- BLUM, D. *Appointment with the wise old dog: a bridge to the Transformative Power of Dreams*. Asheville, N.C.: Chiron Publications, 2020
- DALDIANUS, A. (Trad. Eliana Aguiar). *Sobre a Interpretação dos Sonhos: Artemiro de Daldís*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009
- DUNKER, C. (org.). *Sonhos Confinados: o que sonham os brasileiros em tempos de Pandemia?*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021
- ELLENBERG, H. F. *A descoberta do inconsciente: história da evolução da psiquiatria dinâmica*. São Paulo: Perspectiva, 2023
- FELLINI, F.. *The Book of Dreams*. Rizzoli; First American Edition edition. 2008
- FRANZ, M.L.V., BOA, F. *O Caminho dos Sonhos*. São Paulo: Cultrix, 1988
- FREUD, S. *A interpretação dos Sonhos*. São Paulo: Cia das Letras, 2019
- GUI, R.T., COELHO, V.L.D. *O Sonhar Social: Uma Experiência no Brasil*. 2013. Disponível em: <http://icts.unb.br/jspui/handle/10482/28781>
- HILLMAN, J. *O Sonho e o mundo das trevas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013
- JUNG, C.G.. *Ab-reação, Análise dos Sonhos, Transferência*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007
- JUNG, C.G.. *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007
- JUNG, C.G.. *Psicologia e Alquimia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990
- JUNG, C.G.. *Seminários sobre sonhos de crianças*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011
- JUNG, C.G. *Seminários sobre análise de sonhos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014
- LAURENCE, W.G. *O sentido social dos Sonhos: a técnica da matriz*. São Paulo: Summus, 2010
- LIMULJA, H. *O desejo dos outros: uma etnografia dos Sonhos Yanomamis*. São Paulo: UBU, 2022
- KEROUAC, Jack. *O Livro dos Sonhos*. São Paulo: L&PM, 1998.
- KOPENAWA, D., ALBERT, B. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Cia das Letras, 2015
- KRENAK, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Cia das Letras, 2020
- KRENAK, A. *Futuro Ancestral*. São Paulo: Cia das Letras, 2022
- BERADT, C. *Sonhos no Terceiro Reich: com o que sonhavam os alemães depois da ascensão de Hitler*. Ed. Três Estrelas: 2017
- KRENAK, A. *Futuro Ancestral*. Ed. Companhia das Letras: São Paulo, 2022
- SERRANO, L. M. S. *Literatura Onírica em Julio Cortázar: Sueños que se convirtieron en cuentos*. Createspace Independent Publishing Platform: 2016
- SHAMDASANI, S. *Jung e a Construção da Psicologia Moderna*. São Paulo: Ideias & Letras. 2003
- SUZUKI, M. *O Sonho é o monograma da vida*. São Paulo: Ed. 34, 2024

Fonte: Book Antiqua
Impresso em Papel Pólen Bold FSC 90g
Capa em Papel Cartão L1 Supremo FSC 250g.
Impressão: Gráfica Pallotti



Sandra Coelho (Org): Artista com incursões em Teatro, Literatura e Audiovisual. Mestre em Artes Cênicas pelo PPGAC (UDESC), Psicóloga (CRP 12/03301), Especialista em Psicologia Analítica (PUC/PR), Analista Junguiana em Formação pelo IJUSC/AJB/IAAP. Autora do livro *Poesia Onírica e Escritos Alquímicos* (2014), *Pô!Ema* (3ªed.), *Traçado* (2021), *Os Pequenos Mundos* (2024) e editora da Revista *Provocações Urbanas*. Idealizadora de diversos projetos artísticos a partir dos Sonhos, como *Oficina Sonho e Criatividade* (2012), *Oficina Sonho e Conto* (diversas), *Sonhário - Cartografias do Inconsciente Coletivo*, além de outras obras criadas junto ao *Eranos Círculo de Arte* (www.eranos.com.br), como *O Sonhador*, *A Tempestade*, *Mistérios de Elêusis*, dentre outros. O projeto (oficinas e livro) *Poéticas Oníricas do Sonhar Social*, dá sequência à sua pesquisa sobre Sonhos enquanto matéria prima para criações artísticas, desta vez, idealizado a partir do método da *Matriz do Sonhar Social* (Dreaming Matrix), idealizado por G.W. Lawrence.

Este livro é um continente cartográfico, traçado de pistas sobre os Sonhos, a partir de perspectivas psicológicas, sociais e artísticas. É uma entrada na República dos Sonhos – como diriam os surrealistas, que percorre as possibilidades de escrita literária a partir dos Sonhos em contextos grupais, através do método da Matriz do Sonhar Social (Dreaming Matrix). Ainda apresenta uma mostra de escritos oníricos feitos pelos participantes da oficina literária homônima ao livro, que aconteceu em meados do ano de 2024, em algumas cidades de Santa Catarina.



Fundação
Catarinense
de cultura



GOVERNO DE
**SANTA
CATARINA**

Proposta Cultural realizada com recursos do Governo do Estado de Santa Catarina, pela Fundação Catarinense de Cultura [FCC], por meio do Prêmio Elisabete Anderle de Estímulo à Cultura – Edição 2023

ISBN: 978-65-986188-1-0

